

REVISTA

AUTISMO

AUTISMO +
SUPERDOTAÇÃO

ENTREVISTA
COM OS
CRIADORES
DO PECS

MÃES AUTISTAS COM
FILHOS AUTISTAS

#AutismoMaisInformacao

ANO IX - Nº 20 - MAR/ABR/MAI 2023

DE ABRIL

ISSN 2596-0539



DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

MAIS INFORMAÇÃO,
MENOS PRECONCEITO

A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo

Nós acreditamos que tecnologia de última geração é unir as pessoas gerando um efeito transformador

O QUE É A TISMOO.ME?

Tismoo.me é a primeira rede social do mundo totalmente dedicada ao autismo e às síndromes relacionadas.

Uma nova forma de reunir todo o ecossistema do autismo, deixando você a apenas um toque da informação que procura. Conteúdos específicos, que se adaptam perfeitamente ao seu perfil. E com curadoria, para que seja uma informação confiável e transformadora.

Um novo modelo de rede social, pensado para que as pessoas fiquem cada dia mais próximas da medicina personalizada. Tudo isso utilizando o que há de mais moderno no mundo tecnológico: "High Touch Technology" ou alta tecnologia do toque. Uma nova abordagem tecnológica totalmente centrada no indivíduo. Ou seja, a tecnologia a serviço do afeto, do cuidado, do compartilhamento e da humanidade. Afinal, desde sua fundação, a Tismoo tem um único objetivo: aproximar você daquilo que você mesmo considera mais importante!



tismoome the autism network



CIÊNCIA

“A Tismoo.me não só vai aproximar as pessoas da ciência, mas também acelerar as pesquisas sobre autismo e, de um jeito fácil e prático, estruturar os dados com muita segurança e privacidade.”

Alysson Muotri, neurocientista e pai de autista



SAÚDE

“Não estamos falando de uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a terapeutas, a familiares, a autistas.”

Carlos Gadia, médico neuropediatra



JORNALISMO

“Queremos não apenas entregar um conteúdo útil e personalizado a cada um, mas sinalizar o quão confiável é cada informação. É muito mais que uma rede social, é uma plataforma que irá transformar este ecossistema, em benefício da pessoa com autismo.”

Francisco Paiva Jr., jornalista e pai de autista



TECNOLOGIA

Veja como conseguir gratuitamente seu convite exclusivo acessando **www.tismoo.me**



Já são milhares de famílias cadastradas.
Cadastre-se e garanta seu convite.

EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano IX — número 20

março de 2023

ISSN: 2596-0539

Distribuição gratuita

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 6.200 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
 editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
 xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
 marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Alexandre Beraldo

Colaboradores deste número:

Alysson Muotri, Bia Raposo, Camila All Chair, Claudia Moraes, Fábio Sousa, Fernanda Barbi Brock, Francilene Vaz, Haydée Freire, Kamilla Brandão, Lucas Ksenhuk, Mauricio de Sousa, Nicolas Brito, Paula Ayub, Patrícia Winck, Samanta Paiva, Selma Sueli Silva, Sophia Mendonça, Tiago Abreu, Wagner Yamuto, William Chimura

Impressão:

LaborPrint

Patrocinadores:

Grupo Método, Clínica Somar.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi
 Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Para nos apoiar:

CanalAutismo.com.br/apoie

Redação:

redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:

CanalAutismo.com.br/assine

Site:

CanalAutismo.com.br/revista

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Banco de imagens:

Depositphotos

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo

Instagram: @RevistaAutismo

Twitter: @RevistaAutismo

YouTube: youtube.com/user/RevistaAutismo

LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: issuu.com/RevistaAutismo**Editado por:** PAIVA JUNIOR

R. Bela Cintra, 336 - cj. 74-A, Consolação
 São Paulo (SP), CEP 01415-000
 CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

EDITORIAL

“Nem parece autista”, “tão linda e é autista?”, “não acredito que esse garoto inteligente é autista!”, “não percebi, ela não tem cara de autista”, “é autista e trabalha?”, “uma autista numa escola regular, como assim?”, “vamos verificar, pois quem disse isso foi um autista”, “você está muito autista hoje”, “autista e olha nos olhos?”, “se é autista, não pode estar mentindo, pois eles não sabem mentir”, “qual é o superpoder do seu filho autista?”, “ela tem autismo e fala?”, “autismo não é uma deficiência, é uma habilidade diferente”.

As frases acima, infelizmente, fazem parte da história e muitas vezes do cotidiano de muitas pessoas autistas, que enfrentam o preconceito, o capacitismo na sua jornada. Dizer qualquer dessas frases — ou, de forma geral, que algo é “normal” ou mesmo “anormal” —, segundo diversos especialistas, na maioria dos contextos, pode ser uma maneira de reforçar que ter um transtorno ou uma deficiência é algo ruim ou vergonhoso, que deve ser ocultado.

Em diversos contextos, muitas dessas expressões, ao serem usadas, implicam dizer que autistas não precisam de acessibilidade e inclusão e,

de certa forma, invisibilizam autistas que demandam mais suporte ou convivem com déficits maiores ou menor autonomia. Além disso, geram uma “romantizada” e falsa idealização do que é ser autista. Verbalizar alguma frase desse tipo ou pensar segundo essas ideias é confundir deficiência com doença ou incapacidade.

Creio muito que a informação e a conscientização sejam, atualmente, as melhores soluções para esse problema da sociedade. Não à toa, o tema deste ano para a campanha nacional do 2 de abril, o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, estampa a capa desta edição: “Mais informação, menos preconceito” (você encontra o cartaz oficial da campanha no centro deste exemplar, para você destacar e divulgar).

Além do cartaz e da reportagem de capa, te convido a ler esta edição inteira, que está recheada de bom conteúdo, feito por autistas e por não autistas.

FRANCISCO PAIVA JR.



Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro “Autismo — Não espere, aja logo!” (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 15 anos, que tem autismo e é muito rápido para fazer contas de cabeça, e da Samanta, de 13 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.

NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para redacao@RevistaAutismo.com.br

Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

ÍNDICE

METAMORFOSES
– AUTISMO E
DIVERSIDADE
DE GÊNERO
12

AUTISMO +
SUPERDOTAÇÃO
18

ENTREVISTA COM OS
CRIADORES DO PECS
22

**CARTAZ DO DIA
MUNDIAL DE
CONSCIENTIZAÇÃO
DO AUTISMO**
25-28

**MAIS
INFORMAÇÃO,
MENOS
PRECONCEITO**
32

LAUDO
PERMANENTE
34

IA & AUTISMO
38

MÃES AUTISTAS
COM FILHOS
AUTISTAS
40

SESSÕES

HQ ANDRÉ E
A TURMA DA
MÔNICA
09

HIPERFOCO
36

CANAL AUTISMO
44

COLUNAS

MATRAQUINHA
10

LIGA DOS
AUTISTAS
16

TUDO O QUE
PODEMOS SER
30

INTROVERTENDO
48

AUTISMO SEVER:
50

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão online
desta edição com
conteúdo extra.



Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie-nos para nosso email (veja nesta página ou no expediente).



[instagram.com/
RevistaAutismo](https://www.instagram.com/RevistaAutismo)



[fb.com/
RevistaAutismo](https://www.facebook.com/RevistaAutismo)



[twitter.com/
RevistaAutismo](https://twitter.com/RevistaAutismo)



[youtube.com/user/
RevistaAutismo](https://www.youtube.com/user/RevistaAutismo)



[linkedin.com/company/
RevistaAutismo](https://www.linkedin.com/company/RevistaAutismo)

Quem colaborou nesta edição



**ALYSSON
MUOTRI**
neurocientista



**SOPHIA
MENDONÇA**
jornalista



PAULA AYUB
psicóloga



**SELMA SUELI
SILVA**
pedagoga



**WILLIAM
CHIMURA**
youtuber



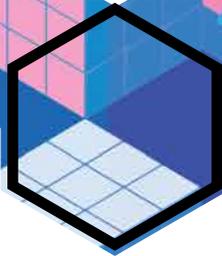
**WAGNER
YAMUTO**
empreendedor



**HAYDÉE
FREIRE**
dentista



**KAMILA
BRANDÃO**
UX designer



**MARCIA
MACHADO**
arquiteta



**NICOLAS
BRITTO**
fotógrafo



**TIAGO
ABREU**
jornalista



**PATRÍCIA
WINCK**
arteterapeuta



FRANCILENE VAZ
pedagoga



**CLÁUDIA
COELHO DE MORAES**
educadora



**WALLACE
D'LIRA**
escritor

Apoie este projeto:
CanalAutismo.com.br/apoie

Assine e receba em casa
CanalAutismo.com.br/assine

CanalAutismo.com.br/Revista
redacao@RevistaAutismo.com.br

Artistas que ilustraram esta edição



LUCAS KSENHUK

Artista plástico, 20 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

lucasksenhuk.com
@lucasksenhuk.art/



CAMILA CHAIR

Formada em animação, cursou biologia, tem 32 anos, é vegana e seu hiperfoco são dinossauros e répteis, desde os 10 anos.

deviantart.com/freakyraptror
@camila_alli



BIA RAPOSO

Artista plástica, arte educadora e provocadora cultural, ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu. Se apaixonou.

@biabiaraposo



FÁBIO SOUSA

Designer de formação, ilustrador por paixão, bonequeiro profissional e autista diagnosticado tardiamente.

@seeufalarnaosaidireito



FERNANDA BARBI BROCK

Autista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

@fer.barbi.brock



MAURICIO DE SOUSA

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Mauricio de Sousa.

@institutomauriciodesousa
@turmadamonica



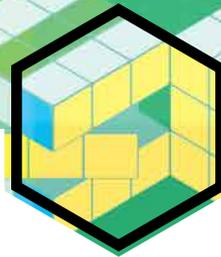
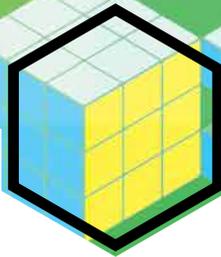
ALEXANDRE BERALDO

Designer, ilustrador e gestor cultural, é o responsável pela edição de arte da Revista Autismo. Tenta tocar piano e as vezes, consegue.



SAMANTA PAIVA

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 13 anos, é fã do filme Black Phone e da série Stranger Things.



Quer colaborar com a Revista Autismo?

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a Revista Autismo, envie um email para editor@RevistaAutismo.com.br, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).



CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code ao lado para ir ao site.

O QUE É AUTISMO?

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.118 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o

quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico. Dentre os medicamentos indicados, a risperidona, que é da classe dos antipsicóticos atípicos, é o mais comum.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista (representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito com o espectro de cores do arco-íris), considerando o autismo como

identidade, uma característica da pessoa — data celebrada originalmente em 2005, pela organização britânica *Aspies for Freedom* (AFF).

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da juventude. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online.

Sinais de autismo:

- Não manter contato visual por mais de 2 segundos;
- Não atender quando chamado pelo nome;
- Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;
- Alinhar objetos;
- Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;
- Não usar brinquedos de forma convencional;
- Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;
- Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;
- Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);
- Não compartilhar interesse.
- Girar objetos sem uma função aparente;
- Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);
- Não imitar;
- Não brincar de faz-de-conta.
- Hipersensibilidade ou hiper-reatividade sensorial;

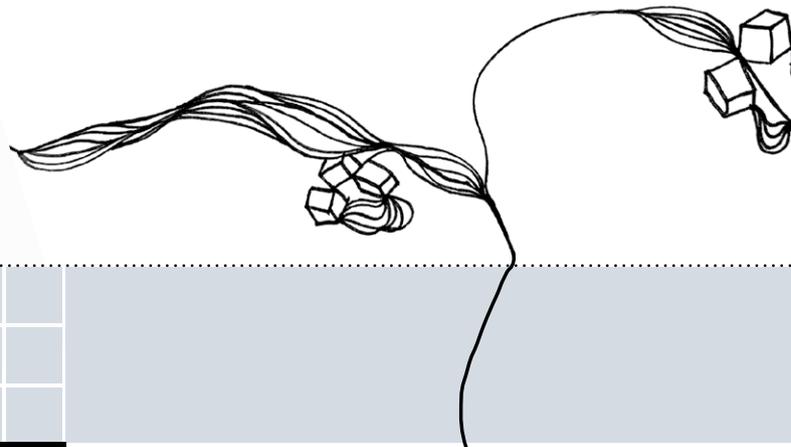


ANDRÉ em MAIS INFORMAÇÃO

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2023



FIM



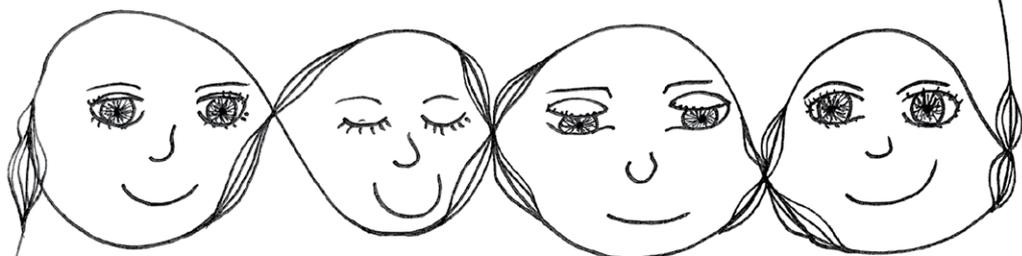
Matraquinha

Wagner Yamuto



é pai do Gabriel (que tem autismo) e da Thata, casado com a Crazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

- matraquinhaoficial
- @matraquinhaoficial
- matraquinha
- matraquinha.com.br



QUAL SERIA SEU ÚLTIMO PEDIDO?

Se você assistiu na televisão aos especiais do Trem da Alegria e Balão Mágico, ou aos desenhos de He-Man, Thundercats, Pequeno Príncipe e Cavalo de Fogo, acredito que tenhamos uma idade bem próxima.

De uns tempos para cá, muitas dessas produções tentam nos pegar pela nostalgia e lançam novas histórias com traços modernos, cores vivas e assuntos atuais. Já tentei apresentar as produções antigas para meus filhos, mas o engajamento e curtição foram zero.

Porém, sou resiliente e, assim como você, não desisto nunca.

Recentemente, aqui na cidade de São Paulo, entrou em cartaz o espetáculo Em Busca do

Balão Mágico. Mostrei para minha esposa Grazy e bastou apenas um olhar para que, segundos depois, tivéssemos garantido nossos ingressos.

Gabriel pagou meia entrada e eu como acompanhante paguei meia também. Grazy, que tinha abandonado a carreira e estudos para cuidar do nosso filho, voltou a estudar e também garantiu a sua meia entrada, e a Thata que tinha 4 anos também entrou no pacote pela pouca idade.

Sempre que programamos os nossos passeios há a seguinte frase:

— Vamos tentar, talvez tenhamos que voltar depois de 5 minutos, por outro lado, se ficarmos

Ilustração: Bia Raposo - @biabiaraposo



10 minutos já estamos no lucro.

Ao chegar no teatro fomos bem recepcionados, sentamos na terceira fileira e sempre ao lado do corredor para podermos ter rota de fuga caso necessário.

As luzes diminuíram de intensidade, as cortinas subiram e o show começou; entre uma canção e outra, momentos de emoção e pura nostalgia tomaram conta. Ao olhar para meus filhos, notei que eles estavam admirados e encantados de verem outras crianças cantando canções para crianças, algo raro nos dias atuais.

O momento mais alto do espetáculo foi quando o Fofão entrou, os adultos foram imediatamente transportados para a década de 1980 e as crianças ficaram hipnotizadas com aquele personagem bochechudo, com cabelos de lã e que fala “apatralhado”.

Depois de mais de uma hora de espetáculo o meu filho ainda estava lá, sem crises, choros ou irritações. Em alguns momentos bateu palma e deu seus gritos de felicidade.

A Thata acenou para o Fofão que prontamente retribuiu e foi o assunto mais comentado daquele mês.

Passados alguns meses, tiramos nossas merecidas férias. Para não haver erros, sempre vamos a lugares que tenham praia ou piscina, e se tiver os dois é melhor ainda.

O Gabriel sempre gostou de água e, mesmo que a temperatura estivesse baixa, nada poderia impedi-lo de mergulhar. Até que, neste ano, ele correu em direção ao mar, molhou as canelas, cruzou os braços e deu uma baita resmungada.

Sem entender o que estava acontecendo, me aproximei e senti nas minhas próprias canelas a baixa temperatura da água e também não tive a menor vontade de entrar. Mas, ao olhar para o lado, minha filha estava lá e até parecia em outra dimensão, pois não era possível que ela estivesse na mesma água em que estávamos.

Foi aí que percebi que o Gabriel sempre entrava na água porque ele era criança e agora, com 13 anos, algumas coisas mudaram e vão continuar mudando. Eu mesmo tenho fotos em piscinas onde as pessoas do lado de fora estavam de blusa.



Mesmo assim as férias foram divertidas, muitos passeios e sorvetes completaram nosso merecido descanso.

Ao voltar do litoral e ainda em ritmo de férias resolvemos enfrentar um novo desafio. A Thata nunca tinha ido ao cinema e pensamos ser uma boa ideia criar essa memória com a família inteira.

E aquela frase veio:

— Vamos tentar, talvez tenhamos que voltar depois de 5 minutos, por outro lado, se ficarmos 10, já estamos no lucro. Desta vez houve um adicional: para que ela não perdesse o filme, eu sairia com o Gabriel da sala do cinema.

Foi o mesmo esquema do teatro — poltronas próximas do corredor e “vamos na confiança!”.

Meia entrada para todos e com a economia deu até para comprar pipoca e água, afinal de contas, a experiência da primeira vez deve ser completa. E foi até o fim, superamos mais um desafio.

Nos letreiros finais e com a canção que acompanhava o encerramento do filme o Gabriel ainda teve pique de ficar dançando embaixo do telão do cinema.

E quanto ao meu último pedido, ainda não pensei nisso. Continuaremos vivendo nesta montanha-russa com os altos e baixos, que em alguns dias nos dão esperança e noutros tiram.

Feliz 2023!



#AutismoMaisInformacao



SOPHIA MENDONÇA

é jornalista, escritora, apresentadora e mestranda em comunicação social. Foi diagnosticada autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autora de dez livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

 @autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br

meta
morfo
ses

Ilustração: Samanta Paiva

As controvérsias sobre autismo e diversidade de gênero



Em meu décimo livro, intitulado **Metamorfoses**, eu busco, por meio de uma perspectiva etnográfica de pesquisa, a elaboração de diálogos afetivos entre as minhas experiências como uma mulher autista transexual de 25 anos e os relatos de autistas transgênero no Twitter. Afinal, a incongruência de gênero é 7,59 vezes mais comum em autistas do que na população em geral, segundo estudo divulgado na revista científica *Nature*. Porém, as discussões sobre autismo são arraigadas em controvérsias sobre gênero, sexualidade e autonomia.

A obra é fruto de uma longa pesquisa sobre comunicação mediada por tecnologia e narrativas de vida, a qual pude conduzir em conjunto com a doutora Sônia Pessoa, na Universidade Federal de Minas Gerais. O interesse pela problemática veio porque, ao lançarmos um olhar ao longo dos tempos aos indivíduos no TEA e transgênero,

há um consenso de que ambas as condições são estigmatizadas e receberam pouco apoio na maior parte das culturas. Dessa forma, autistas LGBTQIAP+ são historicamente negligenciados pelos profissionais de saúde, mesmo com evidências suficientes para que percebamos uma maior prevalência de transgeneridade em autistas. Ocorre, entretanto, que são justamente esses profissionais os responsáveis por fazer a ponte entre autistas e o restante da sociedade, no que tange à comunicação. E ainda, autistas trans enfrentam percalços diários específicos, como pode ser percebido nos achados de pesquisa que deram origem ao livro e a este artigo.

Relação entre autismo e transgeneridade não é falso positivo

O pesquisador Wenn Lawson critica, no prefácio do livro *Gender Identity, Sexuality and*





Autism, os muitos estereótipos arraigados às características do TEA, que contribuem para perpetuar uma visão de que a incongruência de gênero trata de um pensamento obsessivo ou disfunção sensorial proveniente do autismo. Porém, uma série de pesquisas mostram uma correlação maior de diversidade de gênero entre pessoas autistas do que neurotípicas.

Segundo o estudo da Nature, que contou com a co-autoria do psicólogo e professor da Universidade de Cambridge, Simon Baron-Cohen, existem várias razões para que a relação entre transgeneridade e TEA não seja vista como um falso positivo. Isso porque os pesquisadores observaram vários conjuntos de dados com estratégias de recrutamento, vieses de apuração, origens culturais e faixas etárias muito diferentes.

Então, uma hipótese para essa relação é que o gênero tem forte ligação com os padrões socioculturais. E apesar de pessoas autistas serem consideradas com maior inflexibilidade cognitiva, elas tendem a ser mais liberais dos entraves socioculturais. Nesse sentido, a identificação de sexo/gênero pode ser mais fluida e se importar mais com o modo como a pessoa se percebe legitimamente.

O que é a incongruência de gênero?

A partir de uma série de pesquisas desenvolvidas por estudiosos como Judith Butler

(da Universidade de Berkeley, na Califórnia) e Paul Preciado (do Centre Georges Pompidou, em Paris), a perspectiva de que as manifestações de gênero e sexualidade são naturais e estanques vem caindo em descrédito. Isso porque as identidades estão ligadas a um processo de autopercepção, podem não ser congruentes com o sexo designado no nascimento e vão além de uma ideia binária de macho e fêmea.

Contudo, esses são estudos complexos porque o gênero, embora seja construído, evidencia-se especialmente na materialidade dos corpos. Assim, existem diferentes maneiras de expressá-lo, embora elas se encontrem restritas e impossibilitadas por domínios culturais. Nesse sentido, expressão de gênero refere-se à maneira de uma pessoa se portar em sociedade e considera traços comportamentais relacionados desde a aparência até maneirismos e modos de agir.

Em outras palavras: o gênero representa uma sequência incessante de atos sem a qual é impossível existir como agente social. Entretanto, o caráter imaterial não significa que ele seja facultativo. Afinal, essa performance é limitada por uma multiplicidade de fatores sociais e estruturas de poder. Portanto, as identidades de gênero se referem à adequação do sujeito a uma categoria específica e são consideradas mais sérias e menos passíveis de escolha do que a expressão de gênero.

Dessa forma, as transgeneridades ocorrem quando a identidade



de gênero é incongruente com aquela que foi designada no nascimento. Aliás, não se pode confundir a com a homossexualidade, a qual se refere a experimentar atração sexual, romântica e emocional por pessoas do mesmo sexo/gênero. Já a disforia de gênero, por sua vez, refere-se às sensações de infelicidade e angústia extremas em relação à discrepância entre como se percebe o próprio gênero e como ele é experienciado e observado pelos outros. Este é um termo comum entre os profissionais da saúde, embora tenha sido substituído por transtorno de identidade de gênero (TIG) nos manuais médicos.

O gênero é um dos primeiros aspectos do autoconhecimento. Portanto, a dissonância em relação ao sexo designado no nascimento pode ocorrer ainda na primeira infância. Mas, o afastamento de uma perspectiva biofísica não significa uma postura de negação do papel da medicina em relação às transexualidades, uma vez que há sofrimento psíquico associado à percepção de características físicas. Portanto, o foco da disforia de gênero como diagnóstico evoluiu para uma percepção do desconforto como mote da ação terapêutica, em vez da patologização da identidade em si.

A realidade das pessoas autistas e transgênero

As pesquisadoras Eva Mendes e Meredith Maroney, da Universidade de Calgary (Canadá) observam, no livro

Gender Identity, Sexuality and Autism, a existência de uma percepção equivocada de que autistas não são capazes de apreender a própria identidade de gênero. Elas identificaram grupos de pessoas com esse diagnóstico que, embora tivessem consciência desde muito jovens acerca de suas identidades de gênero discrepantes àquelas designadas no nascimento, relataram ter essa percepção invalidada por muitos avaliadores em função da deficiência. As estudiosas perceberam que nomear a identidade foi uma parte importante para a aceitação e autoestima de alguns dos colaboradores da pesquisa.

Também, as cientistas identificaram que autistas com orientações sexuais ou identidade de gênero não normativa tendem a relatar maior preocupação com rejeição e discriminação do que a população LGBTQIAP+ em geral. E ainda, a aceitação da transgeneridade pode ocorrer mais tardiamente em autistas em função da falta de percepção de identidades não convencionais, ou seja, a dicotomia entre macho e fêmea.

Dessa forma, muitos autistas LGBTQIAP+ assumem a identidade primeiro para si antes de revelá-la a outras pessoas. Inclusive, alguns autistas envolvidos na pesquisa perceberam impactos negativos na percepção de outros sobre sua capacidade, depois de revelarem o diagnóstico. Outros tiveram o laudo questionado pelas habilidades de camuflagem

Muitos autistas LGBTQIAP+ assumem a identidade primeiro para si antes de revelá-la a outras pessoas.

social. Porém, eles também evidenciaram a necessidade de pertencerem a comunidades, especialmente aquelas formadas por pessoas que compartilham identidades e interesses similares. Aliás, muitos deles relataram que suas identidades eram respeitadas nesses grupos. 🌈

#AutismoMaisInformacao



#AutismoMaisInformacao

Liga dos Autistas

Kamilla Brandão



é membro da Liga dos Autistas, ux designer, empresária, medalhista estadual de tiro esportivo, pretensa escritora, aficionada de qualquer coisa que consiga prender sua atenção.

 @liga.dos.autistas

Ilustração: Camilla Alli Chair - @camilla_alli

FUI COM MEDO; VOLTEI COM ORGULHO

Quando eu era criança, meu pai gostava de me fazer perguntas sem sentido. Eram charadas que, aparentemente, tinham respostas óbvias. Uma das preferidas dele era: “O que pesa mais, um quilo de chumbo ou um quilo de pluma?” Entediada, respondia rapidamente que ambos tinham um quilo, tinham o mesmo peso.

Contrariando muitos que dizem que o meu autismo é bem leve, eu o sinto pesar em meus ombros todos os dias. Com o apoio do meu marido, Antonio, e de pessoas maravilhosas que me cercam, tenho conseguido superar os desafios do dia a dia. E o texto de hoje é um relato de um desses momentos de superação.

Um dos meus maiores medos é ter uma crise sozinha em um lugar desconhecido, mais ainda se for um local público. Fico pensando em quantas pessoas vão passar, olhar, sentir pena, talvez filmar, talvez achar graça – “olha a doida!”. Será que vão me internar em hospital psiquiátrico? Apesar de não ter tanta hipersensibilidade, um dos lugares que mais me causa esse medo e uma grande ansiedade é o aeroporto. É muita gente, você tem que procurar seu portão, e te trocam de portão, e

você tem que correr, não pode se atrasar, e o pior de tudo: você fica preso no avião. Não há como pedir pra parar porque você quer descer. Não tem uma salinha pra você se trancar e esperar a crise passar longe da vista dos curiosos, o voo só acaba quando chega ao destino, na hora programada.

Mas, como escrevi acima, esse é um relato de superação! Nas minhas últimas férias, eu viajei sozinha! Saí da minha cidade, deixei meu marido e meu cachorrinho, e fui passar seis dias em Brasília. Aproveitei para conhecer a Érica, fundadora da Liga, que só conhecia por meio virtual, e a Débora, que também conhecia de grupos, da época que eu não tinha diagnóstico de TEA e transitava pelos grupos de TDAH.

E eu consegui! Peguei o avião, me hospedei no hotel, fiz turismo pela cidade, conheci as duas amigas (que agora não são mais só amigas virtuais), fiz massagem pela primeira vez (e detestei!). Senti medo várias vezes, não soube o que fazer algumas vezes, acabei ficando mais do que gostaria no quarto de hotel, tive crise pela sobrecarga de coisas novas, mas no fim deu tudo certo e voltei ainda mais confiante,



Cursos e Produtos:
www.pecs-brazil.com

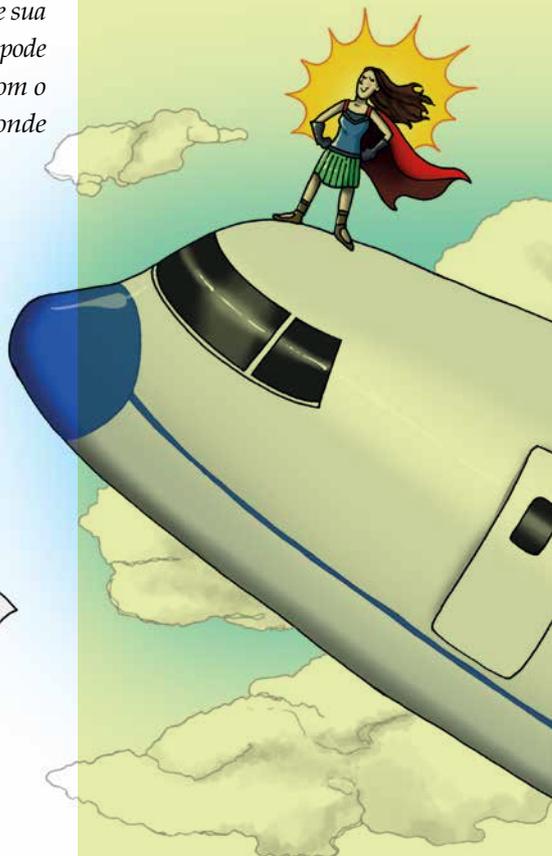
Ensine seu filho(a) ou
aluno(a) as habilidades
necessárias para comunicar
funcionalmente

acreditando ainda mais na minha capacidade.

Tudo bem que minha atual condição me proporcionou regalias, como escolher um assento mais confortável do avião, poder esperar o vôo em um lugar mais calmo, ter acesso a um hotel tranquilo e bem localizado, poder contratar carro por aplicativo pra me deslocar, além de que as duas amigas me ajudaram, embora não podendo estar muito presentes comigo. Mas, nada disso diminuiu, nem um pouco, o orgulho que eu senti de mim mesma.

Eu venci! Fui com medo e voltei com orgulho! Para alguns que estejam lendo pode parecer uma conquista tão boba, mas pra mim, não há palavras pra descrever o quão significativo isso foi.

A mensagem que deixo para quem chegou até aqui é: não duvidem um dia sequer de sua capacidade. Sim, é assustador! Mas você pode fazer, com planejamento, com apoio. Com o suporte adequado, o autista pode ir aonde ele quiser!



PECS Nível 1, PECS Nível 2,
Certificação Implementador
PECS, Habilidades de
Comunicação Críticas e
ABA Funcional



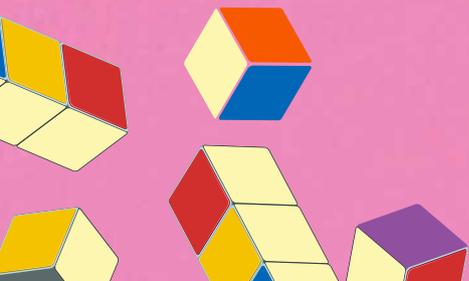
PYRAMID
EDUCATIONAL
CONSULTANTS

Pyramid Consultoria
Educativa do Brasil Ltda
Avenida Afonso Pena, 3924, Sala 310
Belo Horizonte, Minas Gerais



AUTISMO + SUPERDOTAÇÃO

O reconhecimento pessoal na dupla
excepcionalidade e a arteterapia





**CLÁUDIA
COELHO
DE MORAES**

tem diagnóstico de TEA/SD, é mãe de um autista adulto, nível 3, Mestre em Educação e vice-presidente da Onda-Autismo.



**FRANCILENE
VAZ**

tem diagnóstico de TEA/SD, é mãe de duas crianças autistas, pedagoga e Conselheira Estadual da Onda-Autismo, Amapá



**PATRÍCIA
WINCK**

é arteterapeuta, especialista em autismo, membro internacional do The Nora Cavaco Institute, conselheira estadual (SC) da Onda-Autismo.

📷 @releiturfeminina

📷 @superdotacao_entreimas

A

escrita deste artigo foi feita por três mulheres que tiveram suas vivências conectadas por uma missão: o autismo – luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

Sucessivamente, Francilene Vaz, Patrícia Winck e Cláudia Moraes relatarão como o amor atípico e a neurodiversidade de cada uma delas permitiu a união entre arteterapia e dupla excepcionalidade (autismo + superdotação) e como os diagnósticos de Francilene e Cláudia permitiram a edição de um e-book maravilhoso que, com toda certeza, ajudará outras mulheres nesse processo de reconhecimento pessoal.

Mas, afinal, o que é autismo?

Francilene Vaz: Quando surge essa pergunta, tão logo falo que sou uma mulher autista, vem a necessidade de explicar e compartilhar o conceito que sabemos melhor viver do que explicar. Que se trata de um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado

por dificuldades nas áreas de socialização, comunicação e comportamento, nos diferentes modos de alterações, que faz de cada uma de nós uma pessoa autista única. O mesmo ocorre quando falo da superdotação que, somada ao TEA, traz uma nova condição: a dupla excepcionalidade.

A dupla excepcionalidade é o encontro/soma de dois tipos de condições, podendo ser o autismo, TDAH ou outra neurodivergência. No meu caso e no da Cláudia, temos TEA e superdotação.

Quando buscamos caracterizar ou simplesmente conceituar a superdotação, temos de ir além das análises de tabelas, escalas de avaliação de QI (quociente de inteligência), e permitir ampliar a compreensão para outras dimensões e critérios de diagnóstico, como: ser considerado já na infância alguém precoce, ser uma pessoa questionadora, ter criatividade, possuir senso de justiça elevado, exercer liderança, ter talento específico, ter curiosidade exacerbada, ser

#AutismoMaisInformacao

Ilustração: Francilene Vaz 📷/francilenevaz

responsável e com alto índice de confiabilidade, senso de humor incomum, ter pensamento arborescente, possuir vocabulário amplo e diversificado, ter raciocínio próprio e imediato para resoluções de problemas, ter hiperempatia, possuir habilidade artística (principalmente para desenhos e música), ter comportamento impaciente e inconformado com situações não lógicas, ter alto padrão de engajamento, possuir boa memória (fotográfica, eidética ou hipertimésica), entre tantos outros critérios.

Foi só a partir da arteterapia e, principalmente, do diagnóstico de superdotação, que meu interesse por compartilhar minhas habilidades surgiu. Devo, sobretudo, meu progresso à irmã que escolhi para a vida, Cláudia Moraes. Foi através de um convite dela que descobri a arteterapia. Tudo que sou hoje, meus principais avanços enquanto uma mulher com diagnóstico de dupla excepcionalidade, deve-se à escolha assertiva da arteterapia.

A arteterapia é um processo terapêutico realizado por meio da arte como expressão livre, autêntica e genuína de cada pessoa, sem julgamentos ou intervenções, em qualquer idade, individualmente ou em grupo.

Nessas expressões criativas e espontâneas, a pessoa vivencia suas emoções e sentimentos, proporcionando dessa forma um novo olhar para si, reconhecendo e transformando seus anseios, propiciando autoconhecimento, estimulando a autoestima e a autoconfiança, adquirindo, assim, mais equilíbrio para os enfrentamentos da sua vida.

Utilizar canais criativos como forma de expressar seus conflitos e enfrentar bloqueios é ter a

oportunidade de fortalecer o compromisso consigo mesmo e seu autoconhecimento. É vencer o que não se consegue acessar com a fala, mas que não se cala e emerge com a arte.

“Criar, significa poder compreender e integrar o compreendido em um novo nível de consciência” ensinou Fayga Perla Ostrower, artista plástica brasileira nascida na Polônia. Buscar na expressividade a comunicação não verbal é acessar imagens do inconsciente trazidas à consciência, seus símbolos e seus significados, pondo em ordem as questões psíquicas emergentes, organizando o espaço interno, “arrumando a casa”, trazendo equilíbrio emocional, motivação pessoal e harmonia no dia a dia.

Cláudia Moraes: Receber o diagnóstico de autismo/superdotação em qualquer idade é um desafio, mas principalmente na idade adulta creio que o desafio é maior, porque é necessário desconstruir o arquétipo da mulher típica para assumir a identidade atípica. E esse é um processo lento, até a descoberta de ser quem você sempre foi, só que não sabia.

O diagnóstico de dupla excepcionalidade, que recebi há apenas um ano, vem se mostrando desafiador. Meu dia a dia se transformou em intervalos de reflexão entre o trabalho e as terapias, entre o papel de mãe cuidadora e o de mulher com dupla excepcionalidade. A busca pelo (re)conhecimento interior e a busca por maiores conhecimentos sobre

Receber o diagnóstico de autismo/superdotação em qualquer idade é um desafio.

o diagnóstico também me divide, e ao mesmo tempo me move. Estou vendo surgir uma nova mulher, que busca ter voz e dar voz a outras mulheres que ainda não se sentem à vontade para falar sobre seus diagnósticos, seja por falta de conhecimento, de acolhimento ou outros motivos. Muito por causa dessa falta de voz, de reconhecer-se e validar-se, iniciei uma proposta terapêutica de fazer do meu perfil no Instagram um espaço para desenvolver a escrita, me reconhecer na dupla excepcionalidade, resgatar a autoestima, escrever sobre meu hiperfoco, e abordar questões femininas que permeiam a vida atípica. Com o apoio da arteterapeuta Patrícia Winck, surgiu o perfil Autismo Feminino @claudia-coelhomoraes. Mais tarde, também com o diagnóstico de minha irmã por escolha, Francilene Vaz, resolvemos desenvolver um perfil nos mesmos padrões para que falássemos de superdotação em mulheres.

Nesse perfil, tanto a escolha do tema e das imagens quanto a escrita são conjuntas. Com os assuntos tão importantes e tão pouco discutidos tomando corpo e despertando interesse de seguidoras, a pessoa responsável pelo operacional da Onda-Autismo, Juliana Uggioni, teve a ideia de compilar os textos e lançar o e-book gratuitamente no site da instituição, para que muito mais pessoas possam ter acesso às informações. Depois da escolha dos textos, resolvemos em terapia que desenvolveríamos esse trabalho também em conjunto, sendo os textos meus, as ilustrações de Francilene Vaz e a

revisão de Patricia Winck. A edição é da Editora Brilliant Minds, do competente Dr. H.C. Alas Alvarenga, também autista, com a colaboração do instituto Autismos e distribuição da Onda-Autismo. Uma observação sobre as ilustrações do e-book é que elas giram em torno do nosso processo terapêutico, com a arteterapia e, em parte, do nosso hiperfoco em literatura. Foram criadas imagens baseadas em personagens de Jane Austen, Anne Brontë, Charlotte Brontë e Lucy Maud Montgomery. O último capítulo do e-book traz pequenos depoimentos de mulheres autistas e/ou superdotadas, narrando como é serem mulheres atípicas.

Ressaltamos que a arteterapia pertence ao grupo de Práticas Integrativas e Complementares (PIC) e, recentemente, pelo Projeto de Lei nº 3416 da Câmara Federal, tornou-se uma profissão. É uma excelente alternativa para pessoas que buscam, através dessa intervenção terapêutica, uma possibilidade para atendimento às pessoas atípicas e típicas. Para nós, que temos o diagnóstico de dupla excepcionalidade, foi e é fundamental para o nosso reconhecimento pessoal, elevação da autoestima, para a autoafirmação. Recomendamos a todos viver a delícia de fazer arteterapia. 🌈

Ilustração: Francilene Vaz - @francilenevaz



FRANCISCO PAIVA JUNIOR

é editor-chefe da Revista Autismo

✉ @PaivaJunior

📷 @paivajunior

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

Entrevista com o casal criador do PECS,
Andy Bondy e Lori Frost

Quando se fala em comunicação alternativa aumentativa (CAA) para autistas, uma das principais referências no mundo é o PECS (sigla em inglês para Picture Exchange Communication System — em português: Sistema de Comunicação por Troca de Figuras), com mais de 190 artigos de pesquisa em todo o mundo. Para entender essa história que começou em 1985, nos Estados Unidos, entrevistei o casal criador do PECS, Andy Bondy e Lori Frost, por videoconferência (vídeo completo na versão online).

Extremamente simpáticos, o casal contou como nasceu a ideia da comunicação por troca de figuras, implementado pela primeira vez com alunos de pré-escola diagnosticados com autismo, no Programa de Autismo de Delaware, para depois ganhar o resto dos EUA e outros 17 países no mundo, incluindo o Brasil, onde eles têm uma filial, a Pyramid Educational Consultants, ou simplesmente PECS-Brazil (www.pecs-brazil.com).

O relato, muito empático e humilde, revela que eles aprenderam com os autistas ao se colocarem no lugar deles. Com a dedicação de uma vida a esse projeto, o casal escreveu um manual de treinamento do PECS traduzido para 16 idiomas, promoveu estudos científicos, desenvolveu aplicativos para tablets e continua se reinventando, incansavelmente.

Lori Frost é fonoaudióloga, com mais de 40 anos de experiência com crianças autistas e tem mestrado pela Universidade da Carolina do Norte. Andy Bondy é analista de comportamento e psicólogo clínico, com mestrado e doutorado pela UNC Greensboro. Os dois já vieram ao Brasil, inclusive já visitaram a floresta amazônica.

A principal preocupação do casal é o engano que muitas pessoas cometem chamando de “PECS” tudo que tem figuras usadas para comunicação. “Não é porque tem figuras que é PECS!”, alertou Bondy, que continuou: “É mais ‘como ensinar’ as pessoas a usarem as imagens e

#AutismoMaisInformacao

as estratégias de ensino desenvolvidas em torno da ciência da aprendizagem por muito tempo”, argumentou Andy Bondy.

Comunicação tangível

O protocolo do PECS tem seis fases e começa com a utilização de apenas uma figura. Pude “confessar” aos criadores que utilizei o PECS com meu filho (que à época tinha pouco mais de 3 anos) começando com 32 figuras. Eu comprei o livro, li os primeiros capítulos e já comecei a aplicar o sistema de CAA. Só depois de ter começado, continuando a leitura, me deparei com essa importante informação: era para começar com somente uma figura! Aproxima-

damente seis meses depois, meu filho começou a falar. Mas nem todos os autistas adquirem a fala, e uma CAA pode ajudá-los a se comunicar de outras formas e diminuir sua “invisibilidade” social.

O sistema implica em “trocar” um cartão com uma figura por uma ação ou um item, um objeto, um brinquedo, o que a pessoa tiver interesse. E, ao introduzir mais figuras, prossegue ensinando a discriminação de cada figura e, mais à frente, a formação de frases,



curso em vídeo

Cursos
Gratuitos de
Tecnologia e
Marketing
Digital

Criação de sites,
Programação,
Word, Excel e
muito mais.



cursoemvideo.com

02 de
ABRIL

Dia Mundial de
Conscientização do
Autismo



Mais informação, menos preconceito.



Saiba mais em
CanalAutismo.com.br/DiaMundial

Uma campanha da **REVISTA
AUTISMO**

#autismomaisinformacao

02 de
ABRIL

Dia Mundial de
Conscientização do

Autismo





Mais informação, menos preconceito.



Saiba mais em
CanalAutismo.com.br/DiaMundial

Uma campanha da

REVISTA
AUTISMO

#autismomaisinformacao

02 de
ABRIL

Dia Mundial de
Conscientização do
Autismo



Mais informação, menos preconceito.



Saiba mais em
CanalAutismo.com.br/DiaMundial

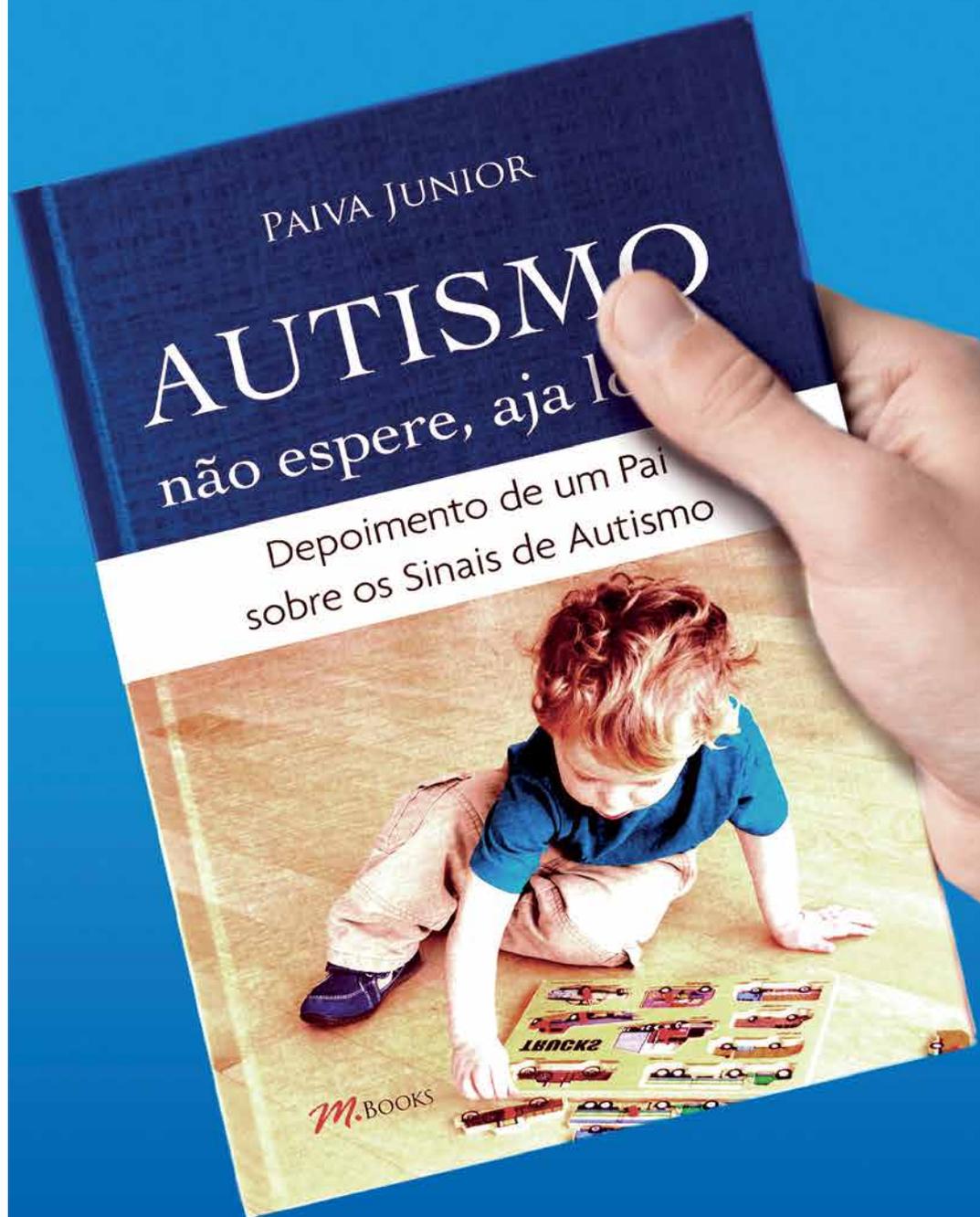
Uma campanha da **REVISTA
AUTISMO**

#autismomaisinformacao

**Mais de
5.000**
exemplares
vendidos

Um livro ideal
para quem acabou
de receber o
diagnóstico ou
está em dúvida
sobre uma suspeita
de autismo.

**NAS
MELHORES
LIVRARIAS**



**AUTISMO –
NÃO ESPERE,
AJA LOGO!**

autismo.paivajunior.com.br

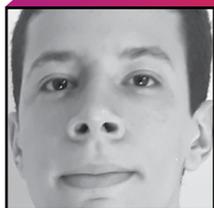
EDITORA M.BOOKS

M.BOOKS



Tudo o que podemos ser

Nícolas Brito Sales



OPORTUNIDADE E CONFIANÇA

tem 24 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nícolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nícolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo, profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro "TEA e inclusão escolar - um sonho mais que possível". Em 2017, Nícolas lançou seu próprio livro, "Tudo o que eu posso ser", no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

📷 @nicolasbritosalesoficial
✉ tudooqueeupossoser@gmail.com

Ilustração: Lucas Ksenhuk - @lucasksenhuk.art

Em setembro de 2022, eu fui contratado para fotografar um evento em São Paulo, muito bom por sinal. Foi o Tearteiro, promovido pela Grazi Gadia e a Flávia Gusmão. Para mim, seria só mais um evento comum, até que eu conheci duas mulheres maravilhosas, Kaká e Leila, que me ofereceram uma proposta de trabalho de assistente terapêutico (AT), que eu achei muito interessante. Fiquei super maravilhado e super interessado pela proposta e marquei uma entrevista de emprego para ver se daria certo e eu, enfim, teria a oportunidade de trabalhar!

Bom, eu fui super confiante, mas ao mesmo tempo meio tímido para a entrevista. Eu respondia às perguntas e, de vez em quando, tirava algumas dúvidas quando não entendia alguma pergunta. Enfim, a entrevista foi excelente e bem direta ao ponto. Quem me entrevistou foi o Márcio e ele me deixou bem à vontade.

Quando fiquei sabendo que passei, fiquei muito feliz e muito animado, pois eu ia começar meu primeiro emprego oficial e trabalhar com outros jovens com autismo, o que é bem interessante e legal. O que eu faço é auxiliar outros ATs a

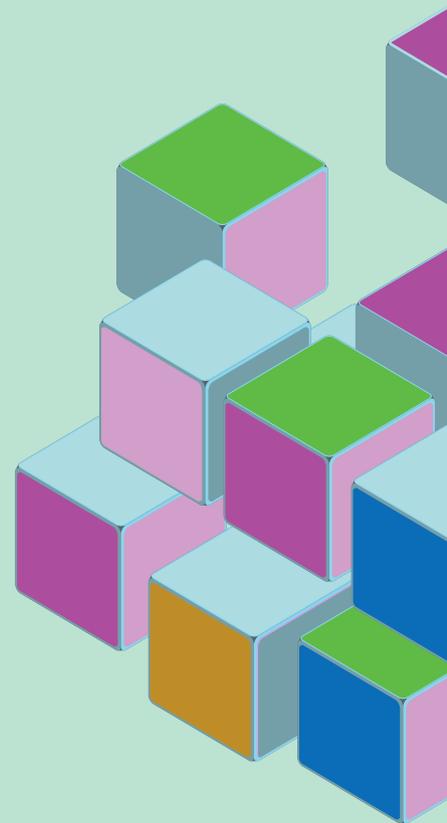


trabalhar com os jovens autistas. Mas, enfim, no meu primeiro dia, eu não vou mentir pra vocês, eu estava com um pouco de medo, pois eu ainda estava me acostumando com o ambiente e com as pessoas em si, mas fui recebendo ajuda e força de outros colegas de trabalho e ganhando um pouco mais de intimidade e confiança. Fui conhecendo os meus amigos e os meus pacientes aos poucos e simplesmente fiquei apaixonado por todos. E apesar de eu não ser nenhum psicólogo ou terapeuta ocupacional, eu tenho histórico de assistente terapêutico que eu fiz em outros

lugares e com a minha mãe quando ela também me chama para ajudá-la em algumas de suas consultorias.

E eu só tenho que agradecer a esse grupo maravilhoso, por ter me dado essa oportunidade e essa confiança, pois eu já havia sido recusado para uma vaga de emprego só por ser autista, mas o Grupo Gradual me deu esse trabalho maravilhoso que eu estou amando e pretendo seguir longe, com toda certeza.

Agradeço, de todo coração, a todos os meus colegas de trabalho e a todos os autistas; e aos pais e mães de autistas que estão lá conosco.



#AutismoMaisInformacao



FRANCISCO PAIVA JUNIOR

é editor-chefe da Revista Autismo

 @PaivaJunior

 @paivajunior



Leia este QR-code com seu celular e tenha acesso a todo o material gratuito para a campanha do 2 de abril — ou acesse: CanalAutismo.com.br/dia-mundial-campanha/



MAIS INFORMAÇÃO, MENOS PRECONCEITO

Tema 2023 para
o 2 de abril,
Dia Mundial de
Conscientização
do Autismo



campanha nacional deste ano (2023) para o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, 2 de abril, vem com o tema: “Mais informação, menos preconceito”. Unindo a comunidade com um tema único, a intenção é mandar uma mensagem para a população

brasileira objetivando a conscientização e aceitação do autismo e das pessoas autistas em todos os âmbitos da sociedade. A hashtag deste ano é #AutismoMaisInformacao para ser usada nas redes sociais.

Um sem-número de autistas ouvem, frequentemente, frases preconceituosas e capacitistas, na maioria das vezes, simplesmente por falta de informação. Quanto mais informação de qualidade pudermos propagar a respeito da pessoa autista e do transtorno do espectro do autismo (TEA), certamente, será cada vez menor a chance de situações capacitistas, preconceituosas e de exclusão social acontecerem no país.

O tema escolhido para 2023 ficou, por uma diferença muito pequena, em segundo lugar na enquete feita no ano anterior (entre líderes de movimentos ligados ao autismo) e por isso foi o utilizado para este ano. Em 2022, o tema foi “Lugar de autista é em todo lugar”, com a hashtag #AutistasEmTodoLugar, tendo repercussão na mídia em todo país.

Cubo mágico

O cartaz oficial do 2 de abril traz um cubo mágico como imagem central, entre a discussão de usar o símbolo do autismo, o quebra-cabeça, e o da neurodiversidade, o infinito com o espectro de cores do arco-íris, o cubo mágico também é um quebra-cabeça e apresenta seis cores em suas faces, com múltiplas possibilidades.

A peça publicitária tem um QR-Code que leva para a página oficial do Dia Mundial de Conscientização do Autismo, da Revista Autismo, com informações sobre o 2 de abril e sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA), para que a sociedade em geral, ao ver

a campanha, possa dar um passo além, a fim de aprofundar-se no tema, rumo a mais conscientização e aceitação.

Uma novidade para este ano é um guia para orientação a quem quiser organizar uma caminhada ou evento para o Dia Mundial de Conscientização do Autismo na sua cidade, com diversos detalhes e sugestões. O documento foi feito pela Revista Autismo, em colaboração com a associação Caminho Azul, a fundação Mundo Azul, ambas do Rio de Janeiro (RJ), e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Autismo (NEPA), da Universidade Federal Fluminense (UFF), de Niterói (RJ).

A volta das caminhadas e eventos

Com a amenização da pandemia de Covid-19, a maioria das cidades terão novamente caminhadas e eventos pelo Dia Mundial de Conscientização do Autismo — inclusive as maiores, Rio e São Paulo, que já foram confirmadas. Sem esses eventos desde 2020, a expectativa é de recorde de público para todo o Brasil, e que tenhamos, neste 2023, o dobro de público do último ano em que tivemos caminhadas pelo Dia Mundial de Conscientização do Autismo, 2019. A sugestão é que as cidades façam caminhadas solidárias, com arrecadação de itens de necessidade para as ONGs e associações locais de cada município.

União e tema nacional

Desde 2019, a Revista Autismo lança um tema nacional para que todos possam enviar a mesma mensagem para a sociedade e a mídia, com o propósito de favorecer uma campanha mais efetiva e mais forte, pela união de todo o ecossistema do autismo. 🧩



PAULA AYUB

é psicóloga clínica, terapeuta de família, diretora do Centro de Convivência Movimento - local de atendimento para autistas -, autora de vários artigos e capítulos de livros, membro do GT de TEA da SMPD de São Paulo, membro do Eu me Protejo (Prêmio Neide Castanha) e colunista do Canal Autismo.

 eumeprotejo.com

 @eumeprotejobrasil

 @paulaayubb

LAUD

luta e o ativismo pelos direitos das pessoas com autismo é um fato reconhecido desde o início da década de 1980, com congressos, simpósios, livros publicados e grandes nomes da classe médica discutindo informações sobre o, chamado na época, “distúrbio”. Em 1989, a Asteca (Associação Terapêutica Educacional para Crianças Autistas) promoveu o I Congresso Nacional de Autismo; eu estive lá.

Posteriormente, com a assinatura da Declaração de Salamanca, em 1994, mudanças na educação foram propostas com foco na criança e em suas necessidades e habilidades, inserindo todas as crianças no sistema regular de ensino.

Lentamente, pais, autistas e profissionais uniram-se pelo direito

de exercerem seus direitos, e a busca por políticas públicas na educação e saúde foi ficando cada vez mais intensa.

Leopoldina Martins Paes de Oliveira, 74 anos, é uma dessas mães. Professora, conseguiu o diagnóstico de seu filho André, de 43 anos, apenas em 2015. Uma verdadeira via crucis de profissional em profissional, escola em escola. Embora o diagnóstico tenha sido tardio, André nunca deixou de ser estimulado, trabalhado, incentivado e inserido em sua família e comunidade.

Leopoldina deparava-se com dificuldades legais e interesses que mais geravam exclusão do que acessibilidade. Decidiu, então, participar de movimentos e grupos que lutavam pelas tais políticas públicas. Em 2015, iniciou seu envolvimento no Movimento Pró Autista, em 2017, ingressou no GT-TEA da SMPED (Grupo de Trabalho do transtorno do espectro autista da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência da cidade de São Paulo), grupo onde me encontrei com Leopoldina pela primeira vez. Mulher decidida, coerente e de fala mansa, mas crítica, sempre

nos mobilizou para refletir e buscar saídas mais permanentes e menos impulsivas. Estivemos juntas, além de outros representantes do movimento, incluindo autistas, na elaboração da Lei 17.502 assinada pelo prefeito Bruno Covas, em 03.nov.2020, que garante direitos de atendimento aos autistas e seus familiares. Devemos deixar claro que muito do que está na lei ainda não constitui uma realidade.

Por ocasião das eleições de 2022, fomos surpreendidos com uma grande quantidade de candidatos levantando a bandeira do autismo, com um número exagerado de projetos de lei (PL) prometendo até mesmo o que não é possível prometer. É sabido que PL para direitos dos autistas em época de eleição é para ganhar votos, não significa nada e, após cada eleição, há uma gaveta de cemitério de projetos.

Entretanto, Leopoldina trouxe à discussão, recentemente, o PL 4065, de 2020, da deputada federal Maria Rosas, que se refere a problemas que ela enfrenta todos os anos: é “pega na malha fina” da Receita Federal para provar que o filho é seu dependente por ter uma condição

O PERMANENTE

Uma obviedade necessária
para menos burocracias
a autistas e familiares

permanente chamada autismo e a cada vez de renovar o bilhete único especial da São Paulo Transportes (SPTrans). para seu filho, precisa correr para mais um laudo, porque ele tem data de validade. O projeto, que já tem dois anos, trata exatamente dessa questão, altera a Lei nº 12.764/2012, de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera também o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112/1990, “para incluir como permanente o caráter do laudo que diagnostique o transtorno do espectro autista”. O PL encontra-se na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania da Câmara Federal desde 1.junho.2022.

O PL 4065 é de uma simplicidade pueril, de uma obviedade incontestável e está há dois anos para ser aprovado. Vale citar também outro projeto semelhante, o PL 2352/2022, da senadora Ivete da Silveira (MDB-SC), que tramita no Senado. Aprovar um laudo definitivo

é esvaziar a demanda das UBS, por exemplo, é evitar filas, congestionamentos e, acima de tudo, burocracia. Para quem tem um psiquiatra particular, solicitar um laudo a cada 6 ou 12 meses pode ser uma dor de cabeça, mas a conclusão é rápida. Precisar de uma atualização de laudo para quem depende do SUS pode gerar até mesmo a interrupção de um tratamento por falta de dinheiro para o transporte público, no caso da renovação do bilhete único especial pelo SPTrans. Apenas mais um detalhe: o SPTrans solicita o envio de dois laudos, um médico e outro de um psicólogo ou terapeuta ocupacional.

Leopoldina é membro do Conselho de Inclusão da Câmara Municipal e do Fórum de Entidades

com participação voluntária; vê o movimento perdendo força a cada dia. Os encontros do GT de TEA da SMPED foram encerrados pela própria Secretaria, há mais de um ano, e nós, do grupo, mantemos nossos diálogos pelo whatsapp onde nos organizamos e lutamos pelos canais que possuímos.

Não queremos mais políticos fabricando PLs que serão engavetados. Precisamos de efetividade na luta, coerência e acesso aos direitos. Precisamos ouvir mais as Leopoldinas e desistir jamais. 🌈

Ilustração: tio .faso - @seeufalarnaosaidireito

S E S S Ã O

Hiperfoco

UMA ARTISTA PRECISA E CIENTÍFICA

Me chamo Camila Alli Chair, tenho 33 anos e desde que me conheço por gente tenho um fascínio enorme por animais. Quando eu era criança, meu foco eram os insetos. Lembro-me direitinho dos meus pais falando que iríamos passar a tarde na casa de algum parente ou amigo e eu logo pensava: “Será que terá jardim pra eu procurar insetos?” E foi assim até os meus 8 anos de idade.

Qualquer coisa relacionada ao mundo natural me encantava ou chamava a minha atenção de alguma forma. Junto ao meu interesse por insetos, os pinípedes (focas) também estavam lá

CAMILA ALLI CHAIR

Formada em animação, cursou biologia, tem 33 anos, é vegetariana e seu hiperfoco são dinossauros e répteis, desde os 10 anos.

 www.deviantart.com/freakyraptor

 www.artstation.com/camilaalli

 [@freakyraptor89/](https://www.instagram.com/freakyraptor89/)

 [@freakyraptor](https://twitter.com/freakyraptor)



presentes — minha pelúcia favorita da época era uma foquinha branca. Os dinossauros? Eu já havia apresentado um interesse relativamente grande ao

assistir aos dois primeiros filmes da franquia Jurassic Park, e, não muito relacionado a dinossauros, eu já adorava rabiscar o Godzilla.

Em um Natal, quando eu tinha 10 anos, ganhei meu primeiro livro de dinossauros que, inclusive, tenho guardado até hoje como relíquia. Foi aí que tudo aflorou mais. Quando vi a enorme variedade de dinossauros, e o quão incríveis eles de fato eram, não parei mais de consumir tudo relacionado a esses animais.

Juntamente com esse livro, veio a arte, afinal ele é repleto de ilustrações científicas (hoje nada precisas diante das novas descobertas). Lembro-me direitinho de pegar uma cartolina e desenhar absolutamente todas as espécies retratadas lá e, desde então, não parei mais de desenhá-los.

Com a chegada da internet no computador de casa e o primeiro filme de dinossauros da Disney chamado "Dinossauro", que estreou nos cinemas em 2000, pude aperfeiçoar cada vez

dele surrealmente lindo, com toda aquela atenção à textura que ele dá. Percebi que os dinossauros ficavam ainda mais vivos daquela maneira.

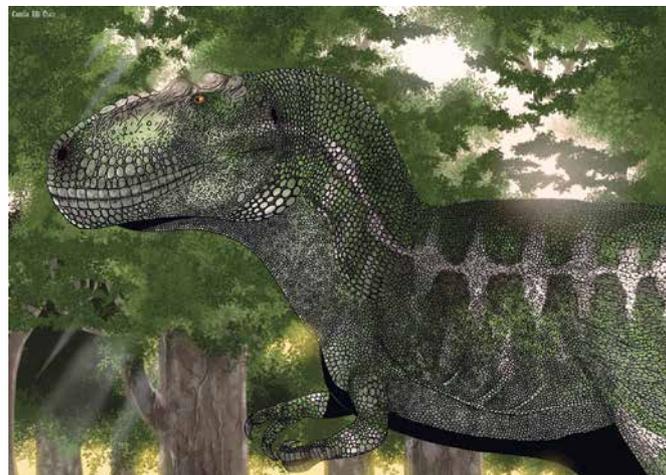
Com minha paixão por dinossauros crescendo cada vez mais e mais, meus pais passaram a comprar brinquedos relacionados ao tema, DVDs de documentários de dinossauros, até que: "Bum!" Meu quarto inteirinho já era tematizado com essas criaturas quase místicas.

Agora, aos 33 anos, continuo a pensar 24 horas por dia neles. Há uns três anos pude ilustrar um livro de colorir sobre dinossauros brasileiros, escrito pelo Luís Anelli, paleontólogo brasileiro muito conhecido. Alimentando essa minha paixão desde cedo com inúmeros estudos e dedicação à arte, pude adentrar ao mundo que tanto amei desde criança, e não somente isso, pude também começar a dar vida ao meu projeto de série animada chamada Escola da Insanidade, envolvendo dinossauros como personagens... Mas, diferente da paleoarte, que é algo preciso e científico, este é

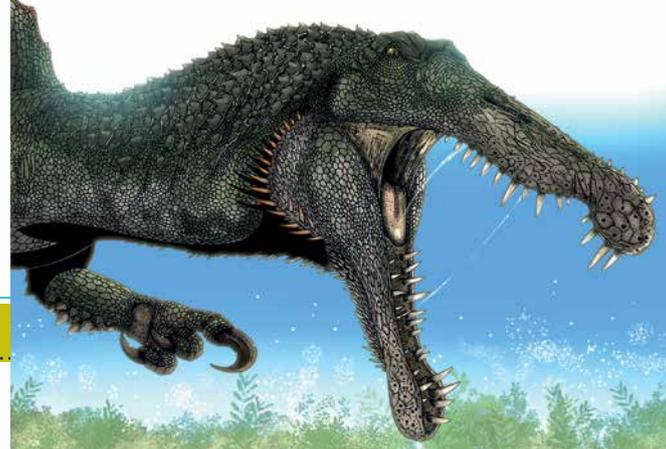
mais meu traço e minhas habilidades como paleoartista, observando trabalhos de paleoartistas conhecidos. O primeiro contato que tive nesse mundo artístico foi com o Felipe Elias, paleoartista brasileiro ainda na ativa. Conheci o trabalho dele em 2002 num site dedicado somente ao assunto. E na época eu achava o estilo

um estilo mais livre e solto, também conhecido como cartoon.

Esse projeto é só uma ideia que espero um dia concretizar em forma de animação e, de alguma maneira, inspirar jovens aspirantes à paleontologia a também seguirem o sonho deles. 🦖



Ilustrações de Camilia Alli Chair





FRANCISCO PAIVA JUNIOR

é editor-chefe da Revista Autismo

 @PaivaJunior

 @paivajunior

IA & AUTISMO



O que a inteligência artificial sabe sobre autismo e o que considerar em suas respostas

As inteligências artificiais que estão disponíveis nos últimos meses para nós, meros usuários mortais, têm dado o que falar na imprensa e nas redes sociais — ainda que estejam em versão beta (de testes). E o autismo não fica fora dessa tendência.

Eu mesmo pedi para os (já) famosos ChatGPT e DALL-E — os robôs de IA da OpenAI, de conversa/texto e gerador de imagens, respectivamente — fazerem um texto jornalístico explicando o que é autismo e criarem imagens e fotos relacionadas ao contexto do autismo. Essas duas experiências mostraram o que essas IAs “pensam” a respeito do transtorno do espectro do autismo (TEA) e os estereótipos que estão “embutidos” nesses sistemas.

Os resultados dessas experiências (que podem ser vistos em vídeo, no canal da Revista Autismo no Youtube) são o reflexo dos petabytes de informação (desde conteúdos de artigos científicos, livros, blogs, mídias de massa e

diversos tipos de websites) com os quais esses robôs foram “abastecidos” e treinados, somados ao que eles têm aprendido com o tal “aprendizado de máquina”. É importante grifar: no caso do ChatGPT esse conteúdo foi coletado até 2021, ou seja, ele não sabe quem é o

presidente atual do Brasil, ou quem ganhou qualquer campeonato em 2022, por exemplo.

Somado a isso, o jornal Estadão noticiou que o juiz Juan Manuel Padilla, na Colômbia, redigiu uma sentença para um caso de direito à saúde de uma criança autista usando

Adivinhação

Se eu pergunto ao ChatGPT quantos autistas há no Chile, ou qual o percentual de autistas adultos que estão empregados atualmente no Brasil, ou ainda, com quantos anos, em média, é feito o diagnóstico de autismo no continente africano, a IA não sabe as respostas e vai tentar inventar algo (exatamente: inventar!), fazendo uma espécie de “adivinhação”. Entre aspas, pois, na verdade, é matemática pura, já que ele é um modelo probabilístico.

Usando o exemplo de quantos autistas há no Chile, ao fazer tal pergunta, a IA me responde algo praticamente de uma vez, mas lá, internamente, nos seus bits e bytes, ela vai fazendo contas e pesquisas e “montando” a resposta. Algo como: “A quantidade de autistas... no Chile... atualmente é...” e, assim por diante. Atualmente, na maioria das tentativas, o ChatGPT tem avisado que só tem dados até 2021 e gerado uma resposta, muitas vezes, convincente, mas precisão não é seu forte — e não foi feito para isso (ainda)!

Veja o resultado dessa pergunta que fiz para o ChatGPT:

“Não tenho acesso a informações atualizadas sobre o número de pessoas com autismo no Chile, pois meu conhecimento se limita até setembro de 2021 e não possui acesso a dados em tempo real.

No entanto, posso afirmar que de acordo com estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 1 em cada 160 crianças em todo o mundo tem transtorno do espectro

autista (TEA). O TEA é um distúrbio neurocomportamental que afeta a comunicação, a interação social e o comportamento da pessoa, e pode ter diferentes níveis de gravidade...”

Portanto, é essencial não tratar suas respostas como uma verdade (ou mentira) absoluta, apenas como uma probabilidade — algo que um humano poderia ter redigido numa prova, por exemplo, ainda que não estivesse 100% seguro das informações utilizadas.

A eficácia do ChatGPT está muito mais em produzir conteúdo plausível e verossímil (que aparenta estar correto) do que realmente verdadeiro. Pode-se afirmar que o compromisso maior dele é com a plausibilidade; não com a veracidade ou precisão.

A lógica da IA

O professor Edney Souza, o “InterNey”, especialista em tecnologia, tem um texto muito interessante no site dele e outro no LinkedIn (acesse os links na versão online desta reportagem) que explica bem com utilizar o ChatGPT de forma bem objetiva e assertiva, com suas diversas particularidades. 🌈

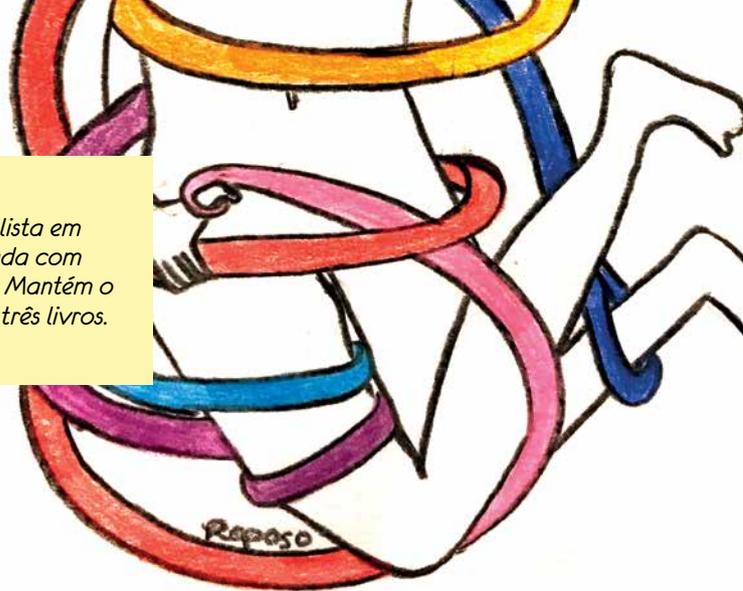
o ChatGPT (pela primeira vez naquele país), em 30.jan.2023, pois essa IA consegue escrever como se fosse um “humano”, como se fosse um juiz e “fez o trabalho” para ele, ao menos em parte. Padilla decidiu a favor da criança e, em sua sentença, revelou ter interrogado o robô para sustentar sua deliberação.

Isso é muito diferente dos resultados que conseguimos com buscadores, como o Google, que tenta encontrar a resposta mais precisa a respeito de qualquer assunto, pesquisando dentro do gigantesco banco de dados que é a internet (em sua maior parte, indexada por esse gigante das buscas).



SELMA SUELI SILVA

é jornalista, radialista, youtuber, escritora e especialista em comunicação e gestão empresarial. Foi diagnosticada com TEA (transtorno do espectro do autismo) em 2016. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI. É autora de três livros.



DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Mães autistas de filhos autistas: relatos de vantagens e desvantagens

Fernanda Coelho Moreira, 39 anos, é mãe de dois garotos, um autista de 12 anos, Samuel, e Isa, de 8. Ela é mestre em Direito e psicóloga, e considera como o maior desafio da maternidade conciliar a rotina das crianças com a dela própria. Fernanda reconhece que possui um patamar de auto exigência maior, como mãe, e acredita que essa seja a causa de seu cansaço intenso, agravado pelas questões sensoriais.

Para Fernanda, é como se fossem duas linguagens usadas por uma mesma mãe: com a criança neurotípica, uma linguagem que ela aprendeu e à qual tem se adaptado, ao longo da relação. Com o filho autista, a linguagem é uma linguagem que se expressa de forma leve, fluente e espontânea.

Como mãe autista, Fernanda maneja naturalmente as situações. Não há sofrimentos diferentes, exceto quando envolve outras condições coexistentes ao autismo. Por exemplo, a falta de socialização. Quando

ela vê o filho sozinho e ele está bem, ela entende que aquela é uma opção dele. Mães típicas minimizam outros sofrimentos por não entenderem a situação [do autismo], já que não são autistas.

Em contrapartida, a procuradora e psicóloga enxerga como vantagem das mães típicas, o fato de elas poderem ensinar habilidades sociais aos filhos que estão dentro do espectro. Algo que Fernanda não conseguiria, por apresentar a mesma dificuldade que o filho.

A experiência de um casal

Márcia Moreira Machado e Giovani Razzon têm 46 e 45 anos e estão no segundo casamento. Ambos são autistas. Márcia tem um filho do primeiro casamento, Eric, autista de 12 anos, Giovani tem dois filhos de 13 e 15 anos, Josué, autista, e Eliseu, em investigação diagnóstica.

O casal divide a responsabilidade dos filhos. Para Márcia, manter as crianças seguras num

mundo doente é o maior desafio. E mais, cada criança é única. Assim, umas vão ter mais comprometimento em uma área e apresentar maior vantagem em outras. Portanto, o segredo é respeitar essas diferenças.

Porém, um ponto é comum: crianças autistas precisam de mais estrutura, mais organização, uma rotina mais bem estabelecida, mas, certamente, esses cuidados também beneficiam as crianças neurotípicas.

Muitas mães autistas consideram que ser mãe autista é mais desafiador de acordo com as fases do filho autista. Mas, Márcia considera tais mudanças esperadas. O olhar dos pais autistas apresenta mais equidade e noção de diversidade. E é exatamente por isso que as mudanças são mais bem aceitas. E não são tão desafiadoras. Exceto quando tais alterações possam comprometer a segurança e a saúde das crianças.

Por outro lado, a segurança em se ter um comportamento metódico torna alguns pais mais previsíveis, o que facilita para os filhos autistas. É o caso de Giovani que explica: “Eu sou constante, então as crianças sabem sempre o que esperar de mim. Desta forma, por não terem surpresa, acredito que mantenha uma constância no relacionamento.” E é exatamente a constância que leva o autista a se sentir mais seguro.

Giovani ressalta que questões como pureza trazem mudanças no relacionamento. Isso independe de ser ou não autista,

e o pai conclui: “Como trato as crianças de forma lógica, mesmo essas mudanças podem ser previsíveis.”

Como é ser a “Mamãe Tagarela”

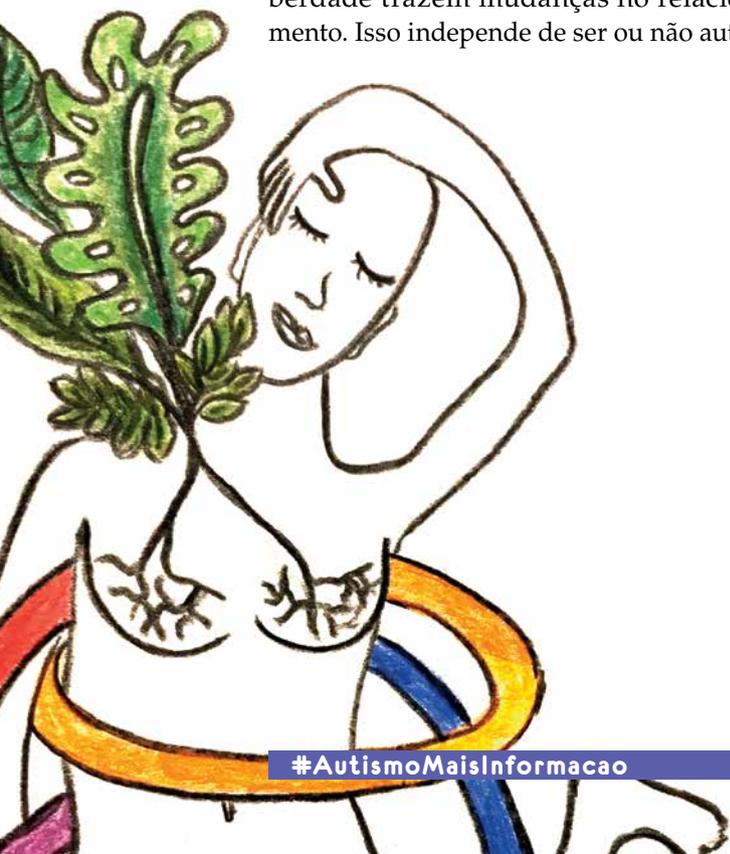
A mamãe tagarela vem da família tagarela, uma família neurodivergente. Ela é Thaís Bastos Cardoso, a Thata, fisioterapeuta, escritora, youtuber e, aos 39 anos, recebeu o diagnóstico de autismo. Hoje, ela está com 41 e tem 2 filhos: o Eric de 9 anos, e a Mia de 6, ambos autistas. A família mora em Malta, uma pequena ilha ao sul da Itália.

Thaís inicia a entrevista dizendo que não sabe como é ser mãe de uma criança neurotípica. Mas, ela explica que como mãe de autista a sensação é de que está sempre de vigília, o tempo todo. Isso porque, segundo ela: “Se eu baixo a guarda eles botam alguma coisa que não devem na boca (muitas vezes pegam do chão mesmo), ou sobem em algum móvel alto, ou saem andando por aí sem prestar atenção”. Os filhos não têm muita noção de perigo, o que é muito estressante para uma mãe, contudo, seu maior desafio é lidar com a rigidez cognitiva. Em outras palavras, sustentar as mesmas ideias e comportamentos, sem possibilidade de mudança.

É importante ressaltar que nem tudo é estresse na vida de uma mãe autista, pois há vantagem de entender as dificuldades que os filhos têm. Thaís exemplifica: colocar meia porque a costura incomoda, pisar na grama ou na areia da praia. A mãe autista também consegue entender de forma leve e mais imediata, a necessidade dos *stims* para autorregulação e entende que, muitas vezes, tudo o que a pessoa autista precisa é ficar num quarto escuro porque o mundo tem estímulos demais. “Por ser autista eu consigo “colocar os sapatos deles” e entender onde o calo aperta”, conclui Thaís.

A mãe autista e a dificuldade do diagnóstico de suas filhas

Paloma Breit dos Santos, 40 anos, é analista de acessibilidade e tem duas filhas, Raíssa, de 21, e Ágtha, de 16. Mas, como





são mulheres, ainda não conseguiu fechar o diagnóstico de nenhuma delas.

Para Paloma, um dos desafios da maternidade atípica é tentar conseguir que as filhas entendam que nem tudo pode ser na hora. Além disso, é preciso ensiná-las a lidar com a frustração e com a ingenuidade. Mas, para Paloma, “a relação é divertida e posso compartilhar os meus aprendizados e vivências com minhas filhas.”

Paloma se considera uma mãe atípica no sentido estrito da palavra. E observa: “Eu vejo muitas vantagens, pois não me encaixo no padrão de mãe da sociedade em nada. Então, ajo do meu jeito que é bem peculiar, segundo as pessoas de fora. ‘As mães não são assim com as filhas’ – é o que dizem.” Mas, ela faz como acredita ser correto, sem seguir uma fórmula estabelecida. Paloma não se apega a regras sociais e protocolos da sociedade que não façam sentido. “Eu não fico esquentando minha cabeça, pois aprendi a racionalizar o medo e as preocupações, ao invés de deixá-los me dominar”, explica a mãe autista.

Paloma enfatiza que “ser mulher é bem mais difícil. As mulheres ainda não têm direito igual ao diagnóstico. Uma grande parte de mulheres autistas sofrem ou sofreram abusos, assim como outras meninas e mulheres com deficiências” “é necessário que saibamos que temos umas às outras e, juntas, vamos mais longe e transpomos barreiras”.

O que diz a especialista

Andressa M. Antunes, 30 anos, é psicóloga que atende essa demanda em seu consultório, em Belo Horizonte, MG. Para ela, ser mãe já é um desafio em si, mas há desafios diferentes para mães típicas e autistas. Ela ressalta que, independente do perfil da mãe, para todas há o senso de preocupação, do cuidar e a culpa, que é inerente a esse ‘cuidar do outro’.

Ela não associa o estar no espectro aos

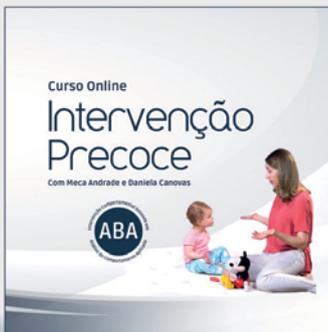
desafios de cada fase do desenvolvimento do filho autista. Não há vantagem ou desvantagem em ser mãe autista de filho autista. O importante é se entender em que mundo essas pessoas estão inseridas. Então, quando falamos de dois autistas inseridos no mundo de neurotípicos, estamos dobrando os desafios dessas pessoas. Andressa chama a atenção das mães autistas e orienta: “Você não está sozinha. Se é difícil, se está desafiador, procure ajuda, procure sua rede de apoio. Você não precisa dar conta de tudo sozinha. Se você percebe que a maternidade traz desafios pessoais, cuide de você, de suas características, trabalhe a sua autoconsciência, trabalhe as suas habilidades, o seu ser psicológico. Faça isso com a ajuda de um profissional. Cuide primeiro de você, você precisa estar bem para cuidar de seu filho.”

Pensando no Dia Internacional da Mulher, Andressa pondera que a mulher autista tem uma capacidade de mascaramento muito grande. E explica: “Ela tem a capacidade de oferecer ao outro o que o outro precisa. Por isso, é tão difícil de entender o perfil de autismo em mulheres. Por causa dessa capacidade de mascaramento. Então, o recado que eu dou para as mulheres autistas é: entenda quem você é, entenda qual é o seu jeito. Nem sempre você precisa esconder o seu jeito. Você tem que se conectar com você. Esse jeito também é belo. Muitas mulheres acreditam que esconder é melhor, porque o jeito dela é pior. Mas não, essa mulher autista precisa descobrir a beleza do ser quem ela é. E esse recado funciona para todas as mulheres. Por causa da cultura machista em que vivemos, nós não acessamos toda a nossa beleza, toda a nossa feminilidade. Portanto, estamos numa constante descoberta do que é ser mulher”.

Tem muito mais conteúdo! Veja o texto completo na versão online desta reportagem através do QR-code na página do índice desta edição.

CONHEÇA NOSSOS CURSOS

O **Grupo Método** oferece cursos e mentorias voltados para intervenção comportamental baseada em **ABA** para pessoas com **TEA** e outros transtornos do desenvolvimento. O GMep oferece cursos para profissionais, pais e demais interessados.



INTERVENÇÃO PRECOCE

Aborda o processo completo de intervenção, desde a avaliação, definição de objetivos, estratégias de ensino utilizadas na intervenção precoce (estruturadas e naturalísticas) e como planejar o currículo.



TREINAMENTO DE APLICADORES

Discorre sobre os principais pontos relacionados à aplicação da terapia baseada na análise aplicada do comportamento (ABA) em pessoas com Transtornos do Desenvolvimento e Transtornos do Espectro Autista (TEA).



SEGURANÇA EM CRISES AGRESSIVAS

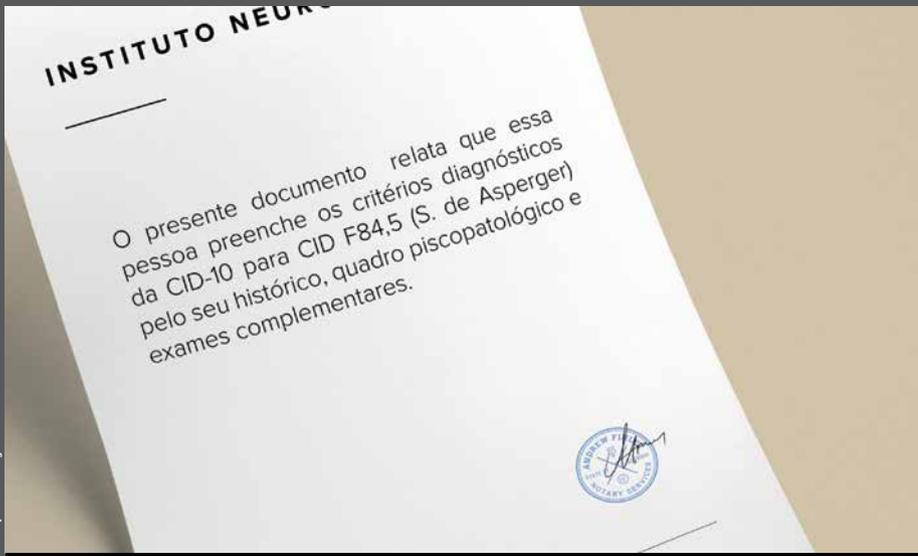
O SCA visa a segurança em um ambiente não médico, fornecendo um treinamento prático para lidar com emergências comportamentais.

Conheça também nossas mentorias. Nelas você poderá discutir casos clínicos reais com o corpo clínico do Grupo Método, dentro de um grupo com poucos colegas da área. Elas oferecem um modelo de ensino verdadeiramente personalizado.

CANAL AUTISMO

VEJA ALGUNS DESTAQUES RESUMIDOS DO CANAL AUTISMO, QUE PUBLICA CONTEÚDO DIÁRIO SOBRE AUTISMO. PARA LER OS TEXTOS COMPLETOS DE CADA NOTÍCIA, ACESSE O SITE CANALAUTISMO.COM.BR

Cidade de SP define prazo de validade indeterminado para laudos de deficiências permanentes



Reprodução/Vinícios Lima

Imagem ilustrativa de antigo laudo de síndrome de Asperger.

A Câmara Municipal de São Paulo aprovou um projeto de lei que concede validade indeterminada a laudos médicos que atestem deficiência permanente para fins de acesso a programas e serviços públicos, incluindo autistas. Segundo a prefeitura da capital paulista, a lei entra em vigor após a sanção do prefeito Ricardo Nunes e tem como objetivo trazer mais dignidade à pessoa com deficiência permanente, uma vez que a exigência de laudo médico com prazo de validade prefixado pode gerar custos e impedir o acesso a programas, benefícios e serviços públicos.

Jovem autista brasileira tem história compartilhada pela Autism Speaks

Jessye Blue, uma jovem autista da Paraíba, teve sua história compartilhada nas redes sociais da associação norte-americana Autism Speaks, uma das mais conhecidas do mundo. A publicação, no início deste ano, trouxe um relato de Jessye e sua trajetória. Ela foi diagnosticada

tardiamente e não recebeu ajuda adequada. Durante sua adolescência, sofreu com o transtorno de pânico e malnutrição devido à seletividade alimentar. Porém, ao mergulhar no mundo da arte, começou a se reinventar e superou muitos dias de silêncio e isolamento.

Jessye Blue na postagem da Autism Speaks (EUA).



Reprodução / Instagram



Jovem autista ganha prêmio de melhor atriz em festival

A atriz Maria Luíza Vieira, 19 anos, ganhou o prêmio de Melhor Atriz na 8ª edição do Festival Internacional de Cinema Escolar de Alvorada (RS) por sua atuação como protagonista no curta-metragem "As Faces de Ali". A jovem é autista e natural de Brusque, no interior de Santa Catarina.

De acordo com informações divulgadas pelo O Município, o filme retrata a luta de uma menina autista para lidar com sua condição e manter sua autonomia, desafiando estereótipos. A diretora, Diana Griebeler Rocha, decidiu abordar o tema após trabalhar em um documentário sobre autismo em mulheres adultas.

Tarcísio recua e muda posição sobre veto de PL sobre autismo

Após vetar o projeto de lei 665/2020, do deputado Paulo Correa Junior (PSD), que previa considerar a validade indeterminada do laudo médico de autismo, no início de fevereiro, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), recuou de sua posição e voltou atrás. Segundo a coluna Vencer Limites, do Estadão, a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo emitiu uma nota afirmando que é favorável ao laudo permanente para pessoas autistas, com revisão em

casos específicos. A SES admitiu que pode haver problemas no parecer usado como base para o veto do governador. A Secretaria está em negociações com o poder legislativo para discutir amplamente o tema. A atual gestão da SES também acredita que é necessário ampliar a discussão para incluir outras deficiências consideradas permanentes e que ainda não tenham laudos com prazo de validade indeterminado.

02 de abril



**Dia Mundial de
Conscientização do Autismo**

O conhecimento é

a solução para

as peças

se encaixarem.

**Azulcarga
Express**

**Mais barato do que você pensa.
Mais rápido do que imagina.**



Matrícula em escolas ainda é um desafio para famílias de autistas

Ao longo do período de matrícula escolar no início de 2023, várias famílias de autistas em diferentes estados do Brasil, como Alagoas e Goiás, relataram sofrer barreiras no processo.

Em Goiás, o jornal O Popular contou que o contador Robson Oliveira, que mora em Goiânia, passou por negativas em escolas particulares na cidade. "Fui pessoalmente, me disseram que as vagas existiam e me passaram os valores da mensalidade, mas antes de concluir o processo, me ligaram falando que houve um equívoco e não tinha vaga para o Bernardo, meu filho com TEA", lamentou.

Acre cria lei contra discriminação de autistas

No fim do ano passado, o governo do Acre sancionou a lei 4071/2022, que prevê punições administrativas a pessoas físicas ou jurídicas e agentes públicos, ligados à administração estadual, que discriminem pessoas autistas. O texto foi sancionado no dia 28.dez.2022. De acordo com nota divulgada pelo G1, o texto da lei entende como discriminação qualquer forma de distinção, recusa, restrição ou exclusão, inclusive por meio de comentários pejorativos, por ação ou omissão, seja presencialmente, pelas redes sociais ou em veículos de comunicação, que prejudique o exercício dos direitos de autistas.

Juiz na Colômbia usa ChatGPT em sentença de criança autista

Um juiz na Colômbia decidiu um caso de direito à saúde de uma criança autista com a ajuda de um robô de inteligência artificial (IA), o ChatGPT, tornando-se a primeira sentença escrita com o uso de IA naquele país.

Segundo informações divulgadas pelo jornal O Estado de S. Paulo, o juiz Juan Manuel Padilla, no final de janeiro, decidiu a favor da família da criança autista, que não tinha recursos financeiros para pagar consultas médicas, terapias e transporte, e sustentou sua decisão interrogando o ChatGPT. Padilla destacou que o uso de IA na redação de sentenças é uma possibilidade para ajudar os juízes, mas não com o objetivo de substituí-los.

Quando nos conscientizamos, as peças se encaixam!

Psicologia ✳ Psicopedagogia ✳ Psicomotricidade ✳ Fonoaudiologia
Terapia ocupacional ✳ Educação física ✳ Integração sensorial



**ABA - TEACCH - PECS - PROMPT
DHACA - PODD - Integração sensorial
BOBATH - Neurofeedback**

- **PIEDADE:** (81) 3465-3913 - Rua Coronel Waldemar Basgal, 344 Jaboatão dos Guararapes/PE
- **OLINDA:** (81) 4100-1166 - Rua José Batista da Costa Azevedo, 37 Olinda/PE
- **BOA VIAGEM:** (81) 3465-3913 - Rua Dona Benvinda de Farias, 465 Recife/PE
- **TORRE:** (81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656 - Rua Marquês de Maricá, 48 Recife/PE

Governador de SP sanciona lei que permite distribuição de canabidiol pelo SUS

#AutismoMaisInformacao



Depositphotos

Imagem ilustrativa de canabidiol.

Uma lei que prevê a distribuição de produtos à base de canabidiol (CBD) no Sistema Único de Saúde (SUS) no estado de São Paulo foi sancionada dia 31.jan.2023 pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos). Cabe agora à Secretaria de Saúde fazer a regulamentação da nova legislação.

Depois de uma tramitação de três anos, a Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) aprovou, no dia 21.dez.2022, o projeto de lei (PL 1180/2019), que, além do CBD, também estabelece distribuição de produtos a base de THC

(tetrahydrocannabinol) para casos excepcionais. Após a aprovação no Legislativo, o governador foi pressionado por um abaixo-assinado com mais de 41 mil assinaturas, além de uma carta da Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo (OAB-SP) em defesa do projeto.

Saiba mais no canalautismo.com.br



Compreender o autismo e integrar também faz parte da nossa rota.

Nestes 60 anos na estrada, nós percebemos o nosso potencial para transformar o mundo à nossa volta e fazer entregas com pautas sociais.

E em abril celebramos a conscientização do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao passo que promovemos uma sociedade mais aberta à diversidade.

Nós, da Jamef, seguimos juntos com a Revista Autismo nesta jornada, colaborando com a distribuição da revista em todo o Brasil, reforçando nosso compromisso com as práticas.

Acompanhe nossas redes sociais:



jamef.com.br

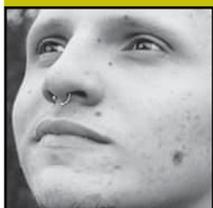
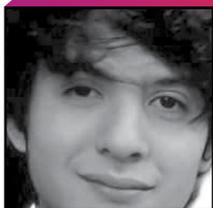
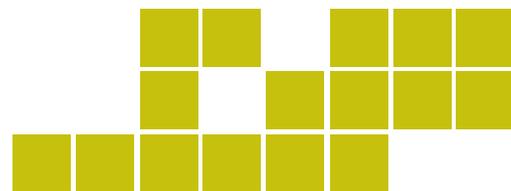
jamef
É JÁ!



Introvertendo

William Chimura

Wallace D' Lira



William Chimura é ativista autista e divulgador científico no Youtube. Pesquisa tecnologias digitais para educação e é professor de metodologia científica na Academia do Autismo.

Wallace D' Lira é autista, escritor, palestrante, ativista e youtuber.

-  [introvertendo](#)
-  [@introvertendo](#)
-  [introvertendo](#)
-  www.introvertendo.com.br

POR UM ATIVISMO PRAGMÁTICO?

O que seria um ativismo pragmático? O fato é que a maior dificuldade na comunidade do autismo consiste na conciliação entre pais, mães, profissionais e autistas... É de fato uma comunidade? Ou seria mais um reflexo de uma polarização sem contexto?

As adversidades têm nos rodeado a cada semana, banhadas a retrocessos cada vez mais constantes. Em nossa perspectiva, o ato de fazer ativismo tem ficado cada vez mais escasso, enquanto posicionar-se tem sido uma tarefa cada vez mais árdua.

O que importa é o quebra-cabeça ou mães e pais quebrando

a cabeça para buscar qualidade de vida para suas crianças? Devemos crucificar a análise do comportamento ou devemos fazer uma autoanálise do nosso próprio comportamento? Estimular o autodiagnóstico é válido ou seria necessário mais responsabilidade?

São tantas questões cerceando o que de fato importa, que podemos acabar entrando em um limbo onde o ativismo se torna raso e as "ações" são meras palavras prometidas ao vento. Acreditamos que o diálogo seja sempre o caminho mais salutar, com debates engajados sobre questões que sejam plausíveis de se



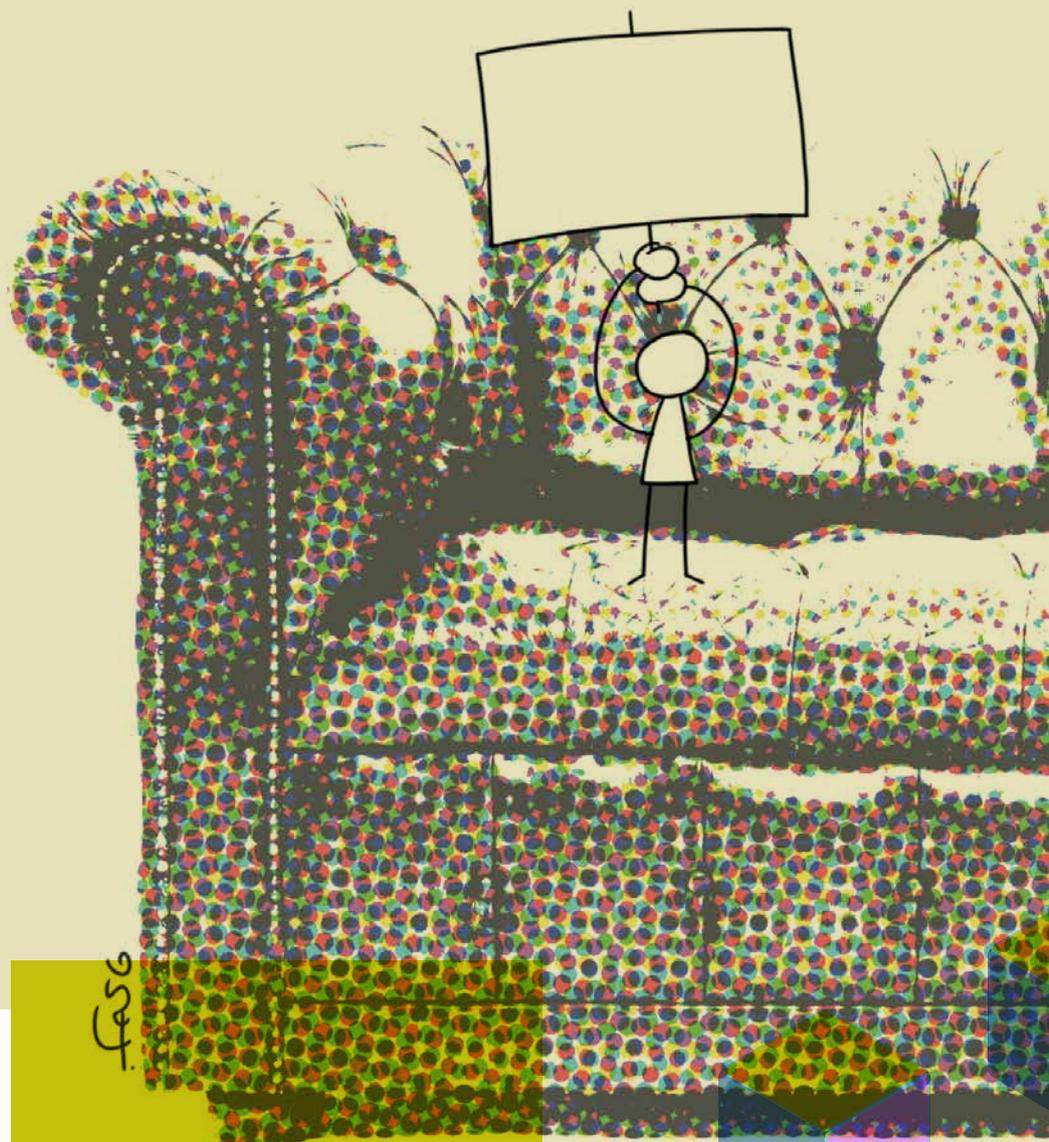


Ilustração: tio .faso - [@seeufalarnaosaidireito](#)

tornarem realidade, distanciando-se de uma utopia e nos aproximando daquilo que verdadeiramente importa: o pragmatismo.

Cortem nossas cabeças, mas nascerão outras no lugar. É passado e presente unindo-se por um futuro em que o ativismo é pragmático. Não esperamos que haja consenso sobre todos os pontos, mas este é um manifesto por um ativismo que considere a realidade de toda a comunidade e busque mudanças reais.

REFLEXÕES

Autismo Severo

Haydée Freire Jacques



é casada e mãe de dois filhos, sendo o mais moço autista severo. Formou-se em odontologia, exerceu a profissão até 2006, quando decidiu dedicar-se integralmente ao filho.

✉ haydeejacques@gmail.com



Ilustração: Fernanda Barbi Brock @fer.barbi.brock

Estava vendo uma foto do ano novo. Passamos em casa, só a nossa família. Somos cinco adultos — meu marido, meus dois filhos e minha nora. Todos nós alegres, sorridentes, bem próximos, para caber na selfie. Observando a foto, percebi que formamos uma moldura para o Pedro. Ele é a figura central. E me coloquei a pensar que assim tem sido nossa vida há 31 anos. O Pedro sempre no centro.

No início, com o susto do diagnóstico, nossa reação de pais e irmão foi cerrar fileiras em torno do membro mais frágil. E continuamos assim, procurando suprir as necessidades, compensar as dificuldades do Pedro. Dependendo da fase era mais fácil, ou terrivelmente difícil. Aos poucos, fomos construindo nossas vidas individuais.

Nosso filho mais velho, jovem, com sede de viver, foi o mais bem sucedido nesse projeto. Tocou a vida, formou-se, está construindo uma carreira de sucesso, no tempo certo, encontrou uma companheira muito especial e se casaram. Quanto aos velhos pais, bem, aí a coisa foi um pouco mais complicada. Um

filho é um compromisso vitalício. Qualquer filho. Quando o filho é uma pessoa com deficiências, esse compromisso se torna mais premente. Não sei como as coisas funcionam em outros países, as diferenças culturais e materiais são enormes. Mas aqui, em terras tupiniquins, as coisas são desesperadoras. Ao fim e ao cabo, só podemos contar com o apoio familiar. Do Estado não vejo ajuda.

Todos vamos morrer, mais dia, menos dia, e aí? Meu filho não tem autonomia para viver sozinho, ele precisa de apoio, muito apoio. Até estou sabendo de alguns projetos de residências assistidas, mas são iniciativas privadas e custam caro. Com a grande concentração de renda que existe por aqui, pouquíssimos poderiam bancar essa solução, ainda que fossem muitas as residências, o que não é o caso. E ficamos em uma sinuca de bico!

Há alguns anos, soube que nosso filho mais velho tinha como certo se responsabilizar pelo Pedro, de forma que antes de casar-se, uma das questões colocadas entre o casal foi: o Pedro vai acabar morando conosco, você topa? Minha nora topou, é uma “pessoinha” fantástica. Mas, vejam, isso não me parece muito justo. Família é família, eu sei, mas acho que essa obrigação, de cuidar dos membros mais frágeis da sociedade, cabe ao Estado, ao poder público. A família até pode assumir essa tarefa. Mas não é obrigação dela. Será que estou errada? Não sei. O que sei é que existem muitas pessoas que necessitam desesperadamente de apoio e não encontram, por parte do Estado e da sociedade, nenhum auxílio. Difícil, muito difícil.

7 MOTIVOS

PRA VOCÊ FAZER UM EXAME GENÉTICO NA TISMOO AGORA!

1 O risco de autismo é majoritariamente genético e em 81% dos casos hereditário;

2 Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode viabilizar um tratamento personalizado;*

3 Existem mais de 1.000 genes diferentes associados ao autismo, sendo que 102 deles possuem maior relevância;**

4 Com o sequenciamento genético é possível identificar outras condições de saúde ou síndromes;

5 • Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode ajudá-lo(a) a participar de ensaios clínicos personalizados;

6 • A Tismoo é o primeiro laboratório do mundo exclusivamente dedicado ao TEA e conta com uma plataforma de bioinformática, especialmente construída para o autismo;

7 • Além do laudo, a Tismoo faz uma reunião pós-teste com seus especialistas e explica detalhadamente os resultados para família;

* a possibilidade ou não de um tratamento personalizado está condicionada aos achados do sequenciamento.

** Pesquisa analisou sequenciamento genético de mais de 35 mil autistas e elevou para 102 o número dos principais genes ligados ao TEA.

Quer saber mais sobre os nossos exames?

tismoo.com.br

cel. +55 11 93761-0013

tismoo
THE BIOTECH COMPANY

*Vale destacar que o diagnóstico de autismo é clínico e um médico especialista deve ser consultado.

Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Acesse

CanalAutismo.com.br/assine